



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUCAS ROZA DOS SANTOS

**“EM MEIO A TANTOS AGRAVOS REZAVA-SE, E MUITO”:
AS REZADEIRAS E SUAS PRÁTICAS DE REZA E CURAS
NA COMUNIDADE RURAL DE CALDEIRÃO,
SÃO JOSÉ DE PIRANHAS – PB DE 1984 A 2018**

CAJAZEIRAS – PB

2019

LUCAS ROZA DOS SANTOS

**“EM MEIO A TANTOS AGRAVOS REZAVA-SE, E MUITO”: AS REZADEIRAS E
SUAS PRÁTICAS DE REZA E CURAS NA COMUNIDADE RURAL DE
CALDEIRÃO, SÃO JOSÉ DE PIRANHAS – PB DE 1984 À 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, como requisito para a obtenção de nota na disciplina TCC.

Orientador: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S237e Santos, Lucas Roza dos.
“Em meio a tantos agravos vezava-se, e muito”: as rezadeiras e suas práticas de reza e curas na comunidade rural de Caldeirão, São Jose de Piranhas - PB de 1984 a 2018 / Lucas Roza dos Santos. - Cajazeiras, 2019. 95f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Religiosidade. 2. Rezadeiras. 3. Cultura religiosa. 4. História local. 5. Oralidade. 7. Religiosidade. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

LUCAS ROZA DOS SANTOS

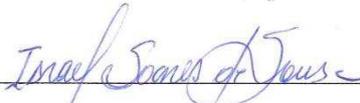
“EM MEIO A TANTOS AGRAVOS REZAVA-SE, E MUITO”: AS REZADEIRAS E
SUAS PRÁTICAS DE REZA E CURAS NA COMUNIDADE RURAL DE
CALDEIRÃO, SÃO JOSÉ DE PIRANHAS – PB DE 1984 À 2018

APROVADO EM: 03/07/19

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Silvana Vieira de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande – (UACS/CFP)



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (Examinador)
Universidade Federal de Campina Grande – (UACS/CFP)



Prof.^a Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino (Examinadora)
Rede Estadual de Ensino – (SEE/PB)

Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa (Suplente)
Universidade Federal de Campina Grande – (UAL/CFP)

Dedicado aos meus pais, Fátima e Antônio, meus maiores motivadores que mesmo em meio as dificuldades sonharam comigo, e hoje o sonho que também é deles, torna-se realidade.

AGRADECIMENTOS

Gosto muito de uma canção da Toca de Assis que diz que "a gratidão é o sentimento mais belo que podemos dar a Deus", sendo assim, eu não poderia iniciar esses agradecimentos sem expressar toda a minha gratidão Àquele que é a razão de minha vida e do meu existir. Sem ti e sem o teu sustendo, meu Senhor e Mestre, eu não teria chegado até aqui.

A minha mãe Maria Santíssima, pelo amparo e intercessão sempre presentes em minha vida.

Aos meus pais, Antônio e Fátima, que desde o início da graduação foram minha força motriz, que mesmo em meio as tantas dificuldades e necessidades, depositaram toda confiança em mim e não mediram esforços para que eu pudesse continuar, fazendo dos meus sonhos também os sonhos deles. Essa vitória é também de vocês.

Aos meus irmãos, em especial José (Dedé) e Damião que mesmo em meio a correria do dia a dia sempre fizeram o possível para estar comigo nos corre-corres para que eu pudesse pegar o ônibus e estar logo cedo na faculdade.

No meu primeiro ano de curso, ano que tive que deixar a casa dos meus pais e ir morar em São José de Piranhas, contei com o auxílio de pessoas muito especiais, dentre elas tia Neide e seu esposo Odair, que em sua casa me acolheram não como sobrinho ou afilhado, mas como um filho, cumprindo com muito amor e carinho o papel de mãe, nunca me deixando faltar nada em momento algum. A madrinha Mariza e padrinho Valdecir, que compartilham juntos com meus pais a alegria de ter alcançado a graduação, e em muitos dias me acolheram sempre tão bem em sua casa, sempre com muito cuidado e carinho. A Neneida Cardoso, que sempre com muito carinho me recebeu em sua casa nos momentos em que precisei. A Raimunda Cardoso (in memoriam) e Zezinho, que no início do curso com seus corações generosos me auxiliaram em momentos que precisei. Todos vocês fazem parte desse percurso, muito obrigado por tudo.

A minha orientadora a professora Dra. Silvana Vieira de Sousa que com muito empenho e dedicação me orientou no desenvolver desse trabalho. Muito obrigado por todo o conhecimento transmitido.

Durante a graduação, Deus foi muito generoso comigo me aproximando de pessoas as quais tenho o imenso prazer de chamar de amigos. Na minha turma 2014.1, encontrei as melhores pessoas, como costumamos falar entre nós, "o melhor grupo". Fernanda, Sabrina, Ana

Vitória e Raquel, com a amizade de vocês os momentos de frustração, tristeza e desânimo durante o curso se tornaram menos difíceis, com as nossas conversas e momentos de desabafo nos corredores da universidade. A amizade de vocês é algo que com certeza levarei para fora da faculdade.

Em Eclesiástico (6, 14) está escrito que quem descobriu um amigo, encontrou um tesouro. Tive a graça de provar dessas amizades depois de minha transferência de turno, gratidão a Naiara e Naiane, cuja amizade tive a alegria de cultivar durante o curso. Sou grato a Deus pela amizade de vocês. As noites com horário livre em que sentávamos nos banquinhos da universidade para conversar e desabafar as angustias do dia a dia e não somente ligados a vida acadêmica, com certeza ficarão guardados com carinho em minha memória. Muito obrigado por esses momentos únicos.

A minha gratidão em especial a Naiara, que no momento da escrita desse trabalho sua amizade foi de suma importância para mim. Sempre disponível e disposta a ajudar sempre que me aparecia alguma dúvida, ou para ler aquilo que eu ia escrevendo, e acima de tudo me tranquilizando quando tudo parecia ir errado. Sua amizade é um carinho de Deus para comigo. Muito obrigado por tudo!

Ao amigo Claudivan, que durante o processo de escrita desse trabalho, e mesmo antes dele com a realização e transcrição das entrevistas muito me ajudou, dando dicas e tirando dúvidas, o que foi importante para que tudo desse certo. Muito obrigado.

As minhas amigas, Evilane, Maria Juleide, Janiny e Maria Helena, que durante o curso foram de suma importância para a minha caminhada. Mesmo com pouco tempo de convivência, foi o suficiente para cultivar uma amizade a qual tenho enorme carinho. Obrigado a todas pelos bons momentos partilhados.

Ao amigo Rodrigo Queiroga, por seu ombro amigo sempre disposto a me ouvir e me aconselhar em momentos em que a angústia bate à porta. Grato por sua amizade.

Aos meus amigos de sempre, que desde o início estão comigo em cada momento de alegria e tristeza, Juliete, Maria, Débora, Eliane e Raquel. Obrigado por estarem sempre comigo, me aguentando e me dando forças em momentos de desânimo, e por sempre torcerem por mim. Levo com muito carinho a amizade de vocês.

Aos professores do curso de história da Universidade Federal de Campinha Grande por todos o conhecimento transmitido, em especial ao professor Neto, que desde o início dessa

pesquisa acreditou em mim e me auxiliou desde o desenvolvimento do projeto, me emprestando livros e dando dicas.

Minha imensa gratidão as senhoras rezadeira que com grande prazer e disponibilidade me concederam suas entrevistas, me permitiram transformar os seus relatos em história.

É justo que custe muito o que muito vale.

Santa Teresa de Jesus

RESUMO

Este trabalho aborda as rezadeiras e suas práticas de reza e curas na região sertaneja de São José de Piranhas, mais precisamente a comunidade rural de Caldeirão, entre os anos de 1984 e 2018. Como objeto da cultura religiosa, dialogamos com a historiografia da história cultural com ênfase nos autores Certeau (1982), Le Goff (1990), e Barros (2003), além dos estudos específicos sobre as rezadeiras Araújo (2011), Menezes (2016) e Duarte (2014). O objetivo principal da pesquisa foi verificar porque em tempos de relativa oferta de serviços de saúde, as rezadeiras ainda permanecem como importantes personagens na cultura e vida cotidiana da comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas-PB. Além do diálogo com a historiografia, nossa metodologia principal comportou o trabalho com a história oral na realização de um conjunto de entrevistas com as rezadeiras Maria Rosa, Maria Alves Cardoso e Maria de Fátima Rosa. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro de questionário semiestruturado.

Palavras-chave: Religiosidade, rezadeiras, cultura religiosa, história local.

ABSTRACT

This work discusses the prayers and their practices of prayer and cures in the country region of São José de Piranhas, more precisely the rural community of Caldeirão, between the years 1984 and 2018. As an object of religious culture, we dialogue with the historiography of cultural history with emphasis on the authors Certeau (1982), Le Goff (1990), and Barros (2003), in addition to the specific studies on the Rezators Araújo (2011), Menezes (2016) and Duarte (2014). The main objective of the research was to verify because in times of relative supply of health services, the prayers still remain important characters in the culture and everyday life of the rural community of Caldeirão, São José de Piranhas-PB. In addition to the dialogue with historiography, our main methodology behaved the work with oral history in conducting a set of interviews with The Prayers Maria Rosa, Maria Alves Cardoso and Maria de Fátima Rosa. The interviews were conducted from a semi-structured questionnaire.

Keywords: Religiosity, praying, religious culture, local history.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPITULO I – HISTÓRIA E RELIGIOSIDADE: AS PRÁTICAS POPULARES DE CURA.....	17
1.1 – As crenças como objeto do historiador.....	17
1.2 – Religiosidade popular no Brasil e na Paraíba.....	20
1.3 – Experiências de cura na paraíba: práticas de um catolicismo popular.....	22
1.4 – O universo social e cultural das rezadeiras.....	24
CAPITULO II – SÃO JOSÉ DE PIRANHAS NO TEMPO: TEMPOS DE REZADEIRAS.....	28
2.1 – Abordando a história local.....	28
2.2 – São José de Piranhas, uma cidade católica cristã.....	31
2.3 – A vida: o mundo do trabalho e o cotidiano social em São José de Piranhas-PB e Caldeirão.....	34
2.3.1 – Trabalho, agricultura e comércio.....	35
2.4 – As rezadeiras como personagens de um campo das tradições orais e outros personagens.....	38
2.4.1 – Rezas e rituais: ladainhas, novenas e procissões.....	39
2.4.2 – Cultura de divertimento: violeiros, cantadores, emboladores de coco e aboiadores.....	42
2.4.3 – No campo das curas: assistência social, médicos e hospitais.....	44
2.5 – As rezadeiras como personagens da cultura religiosa.....	45
CAPITULO III – REZADEIRAS DE CALDEIRÃO/SÃO JOSÉ DE PIRANHAS.....	47
3.1 – Apresentado as rezadeiras da Comunidade de Caldeirão /São José de Piranhas.....	47
3.2 – Contando as histórias das rezadeiras de Caldeirão, São José de Piranhas-PB.....	49
3.3 – Em quem rezam: as enfermidades curadas pelas rezadeiras de Caldeirão São José de Piranhas-PB.....	54
3.4 – Como rezam: o que usam em suas rezas.....	55
3.5 – Em quem rezam.....	59
3.6 – A importância das rezadeiras da comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas-PB na atualidade	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68

REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICE.....	74
ANEXOS.....	92

INTRODUÇÃO

Ao ser instigado, ainda no início da graduação sobre a escolha de um tema que teria que pesquisar e futuramente vir a desenvolver uma monografia, meu olhar de pesquisador voltou-se imediatamente as práticas de reza praticadas pelas senhoras rezadeiras que residem na comunidade rural a qual faço parte, a comunidade de Caldeirão, São José de Piranhas-PB. Com relação as escolhas que precisam ser feitas pelo historiador, Certeau (1982) afirma que, o historiador está inserido em um lugar social, que não precisa ser necessariamente físico, e será este lugar que servirá de base para as suas escolhas. Dessa forma, as escolhas que aqui faço, dizem muito daquilo que vivenciei e ainda vivencio em meu cotidiano, daquilo que vivenciei das rezas.

A religiosidade desde muito cedo é algo muito presente em meu seio familiar, assim, o que me levou a pesquisar as rezadeiras e suas práticas de reza e curas na comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas – PB, foram as percepções que tive com relação as rezas presentes em meu dia a dia desde a infância, quando ouvia os relatos das pessoas rezadas, ou quando era levado por minha mãe a uma dessas senhoras rezadeiras. Portanto, pesquisar as práticas de reza e curas das rezadeiras foi uma forma de responder as minhas inquietações pessoais.

Os estudos historiográficos que envolvem as práticas religiosas ganham um maior enfoque nas pesquisas a partir do século XX, quando se tem um alargamento nos campos da história, como é o caso da História Cultural. Em períodos anteriores a esse, apenas podia ser considerado como objeto da história, aquilo que era documentado, que apresenta uma prova palpável de sua existência, ou seja, documento escrito, o que acabava excluindo determinados temas, como as práticas culturais, por exemplo. É portanto, com o surgimento da História Cultural que temas como esses passam a ser abordados e estudados como objetos históricos.

As rezadeiras, objeto principal desse estudo são responsáveis por um ritual religioso de cura, que é próprio dessas personagens. Suas práticas se enquadram enquanto sendo parte de um catolicismo popular, dessa forma não estão subordinados a um templo religioso ou instituição religiosa, o espaço utilizado por elas é a sua própria casa. O Brasil, por ter sido colonizado por portugueses, recebe como herança além de seus costumes europeus também a religiosidade cristã católica. Quando essa religiosidade chega as terras brasileiras, encontra além da religiosidade indígena, encontra também a religiosidade dos negros africanos tragos

aqui como escravos. Há dessa forma uma mistura entre os três tipos de religiosidade, o que acaba formando um catolicismo imperfeito, que absorve características das três religiosidades. Sobre o catolicismo popular praticado pelas rezadeiras, Araújo afirma que, “[...] no Brasil, o catolicismo imperfeito é constituído por manifestações indígenas, africanas e portuguesas, todas possuidoras de costumes, de ritos e rezas.” (ARAÚJO, 2011, p. 31) É portanto nesse catolicismo que se enquadra a prática de reza e curas das rezadeiras, um catolicismo que não apresenta as mesmas características daquilo que é próprio do catolicismo institucional, mas que não deixa de ser catolicismo.

As senhoras rezadeiras que aqui abordamos estão inseridas em na comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas-PB, recorte espacial desse estudo. Estas senhoras exercem um papel de influência dentro dessa comunidade, tendo o reconhecimento das pessoas pelas suas práticas, sendo procuradas pelas pessoas da comunidade, bem como de outras localidades sempre que apresentam alguma situação de enfermidade do corpo, como também situações familiares possíveis de serem rezadas, como apresentamos no terceiro capítulo.

O recorte temporal delimitado para esse trabalho, se dá entre os anos de 1984 e 2018. A escolha do marco inicial de 1984 se deu devido ter sido neste ano em que uma das rezadeiras entrevistadas começou a praticar a reza, e encerra-se em 2018 porque foi até esse período em que pudemos observar as permanências dessa prática.

As fontes que aqui utilizamos, são fontes orais, o que significa dizer que utilizamos a História Oral como método de pesquisa. Dessa forma, utilizamos o conceito de História Oral de acordo com Delgado (2006), a qual afirma que a história oral “não é portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.”

Dessa forma, a pesquisa se dará a partir de entrevistas com questionário pré-determinado e semiestruturado, com rezadeiras que ainda fazem uso dessa prática de cura. Sendo elas: Maria Rosa, Maria Alves Cardoso e Maria de Fátima Rosa.

No primeiro capítulo “história e religiosidade: as práticas populares de cura”, buscamos apresentar aquilo que é assunto central desse estudo, a religiosidade. Abordamos inicialmente as práticas religiosas das rezadeiras como sendo resquícios de um catolicismo popular, resultante de uma combinação entre o catolicismo vindo de Portugal, a religiosidade indígena aqui já existia antes mesmo da colonização, e a religiosidade africana trazida pelos negros

africanos aqui escravizados. Buscamos mostrar ainda o universo social e cultural no qual essas rezadeiras se inserem.

No segundo capítulo intitulado “São José de Piranhas no tempo: tempos de rezadeiras”, buscamos abordar o meio social em que essa prática está inserida, situando as práticas culturais de oralidade que fazem parte do universo cultural onde as rezadeiras estão inseridas. Esse capítulo pode ser dividido em dois momentos, onde inicialmente apresentamos a discussão acerca da história do município de São José de Piranhas-PB, abordando um pouco de sua história e sua religiosidade, sendo esta cidade a sede onde a comunidade rural de Caldeirão estão inserida, buscamos assim dialogar com autores como Lima (2010) e Vieira; Lima (2014). Em seguida abordamos a comunidade rural de Caldeirão como o lugar que estas rezadeiras estão inseridas, um lugar marcado pela religiosidade, e práticas culturais de oralidade. Enfim, apresentamos o ambiente onde essas práticas se inserem, o universo religioso praticado por elas.

No terceiro capítulo “rezadeiras de Caldeirão/São José de Piranhas” iniciamos apresentando as rezadeiras que serviram como fonte para o desenvolvimento desse estudo, onde a partir dessa apresentação, vamos começar a analisar suas falas sobre suas atuações na comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas-PB. Aqui abordamos parte das suas histórias de vida, buscando entender o que as motivaram a iniciar a prática da reza, assim como saber em quem rezam e de onde são essas pessoas que buscam ainda hoje suas práticas. Para dar corpo a esse capítulo, dialogamos com outros estudos existentes sobre o tema, entre eles Araújo (2011), Duarte (2014) e Menezes (2016). Como questão geral, buscamos analisar através de suas falas contextualizadas na história social da comunidade, da Paraíba, do Sertão e do município de São José de Piranhas as motivações para permanências dessa prática ainda na atualidade.

CAPITULO I: HISTÓRIA E RELIGIOSIDADE: AS PRÁTICAS POPULARES DE CURA

1.1 As crenças como objeto do historiador

A religiosidade é algo que esteve presente desde muito cedo em minha vida. Lembro-me que quando criança, sentar-me à mesa à tarde para rezar o terço era algo bastante corriqueiro, era o momento em que nos reuníamos com alguns poucos familiares e que sempre rendia boas histórias que me faziam viajar, as quais algumas destas histórias me recordo até hoje. Ouvia sempre repetidas vezes da minha mãe, um fato presenciado por ela quando ainda era jovem. Dizia respeito a seu irmão, que apenas com alguns poucos anos de idade foi acometido por um forte mal olhado. Sua mãe sofreu muito. Era um período em que para conseguir consultar um médico teria que percorrer uma grande distância até chegar a cidade mais próxima. Foi então que ela, aconselhada por uma amiga resolveu levá-lo a uma senhora rezadeira. Aos poucos, através da reza, a criança foi se recuperando, e depois de alguns dias a mesma já não apresentava nenhum sinal da enfermidade.

Assim, frequentar o ambiente de atuação das senhoras rezadeiras, é algo que sempre esteve muito presente em minha vida desde a minha tenra idade. Recordo-me das muitas vezes as quais era levado por minha mãe à casa de senhoras que realizavam a benzeção¹, sempre que apresentava alguma enfermidade, em busca senão da cura, mas pelo menos de amenizar certos tipos de mazelas. Isto posto, a escolha do tema se deu por ser um tema interessante e que me motivou a pensar e problematizar as práticas de rezas e de cura das rezadeiras. Por estar imbricado nesse mundo da religiosidade, e conseqüentemente da reza, por ser algo que me envolve de maneira pessoal, meu olhar de pesquisador se voltou a isso como objeto de pesquisa. Vi assim, uma forma de responder meus questionamentos e inquietações. Desta forma, as escolhas que aqui faço, dizem muito daquilo que sempre vivenciei estando em contato com as práticas de reza. Mas, a curiosidade e os estudos de temas como esses são recentes, só nos últimos anos as crenças religiosas vem ganhando um maior destaque no que diz respeito aos estudos historiográficos. Têm-se uma maior preocupação por parte da historiografia com relação as crenças religiosas exatamente quando se tem uma maior abertura dos campos da história durante o século XX, em que se permite maiores possibilidades de tratar a história. É esse o caso da História Cultural, que começou a se desenvolver no final do século XX, mas que

¹ Benzeção, é o termo utilizado por Araújo (2011) para se referir a prática exercida pelas senhoras rezadeiras.

já “engatinhava” desde o início do século. Como afirma Burke (2000), “o campo da história Cultural é mais amplo e diversificado, em termos geográficos e sociais.” É justamente nesse campo mais aberto e possível de estudos, que é a História Cultural, que as práticas de rezas se tornam possíveis de serem estudadas.

Burke ao apresentar as variedades de História Cultural afirma que:

[...] estendeu-se o sentido do termo para abranger uma variedade muito mais ampla de atividades do que antes – não apenas a arte, mas a cultura material, não apenas o escrito, mas o oral, não apenas o drama, mas o ritual, não apenas a filosofia, mas as mentalidades das pessoas comuns. (BURKE, 2000, p. 246-247)

Até o século XIX nem tudo era considerado como sendo história, tinha-se como história apenas aquilo que era palpável, aquilo que estava escrito e aquilo que era documentado, desconsiderando os discursos orais como sendo uma fonte possível para pesquisa histórica. Com a ampliação do campo historiográfico, sobretudo com o surgimento da História Cultural, se teve uma maior possibilidade de abranger uma variedade muito mais ampla de atividades do que se tinha antes, dando visibilidade aquilo que até então não era visto como história, como os discursos orais, por exemplo.

De acordo com Barros (2003), a História Cultural é o campo do saber historiográfico atravessado pela noção de “cultura”. Desta forma, entendemos como cultura, um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais cultivados em uma determinada sociedade. A cultura passaria a ser um campo possível de estudo no século XIX. Antes disso, os historiadores pouco davam atenção a certas práticas, por considerá-las como não sendo práticas culturais.

Como sendo praticantes de uma tradição de cultura oral, as rezadeiras e suas práticas nos direcionam a trabalhar com fontes orais, o que significa fazer uso da chamada História Oral como conjunto de procedimentos a qual utilizados em diferentes disciplinas das ciências humanas, como a antropologia, a história, a literatura, a sociologia e a psicologia, por exemplo, por isso pode-se dizer que se trata de uma metodologia interdisciplinar.

Na História Oral, o historiador faz uso de narrativas de testemunhas que teriam participado ou presenciado determinado acontecimento. Houve um período em que a História Oral foi considerada inadequada como método de pesquisa, isso porque muitos historiadores

da corrente positivista consideravam que as palavras ditas por aqueles que testemunharam determinado fato, não seriam confiáveis. Nesse caso, os escritos é que eram tidos como sendo um método melhor confiável.

No século XX, com a evolução da disciplina, passou-se a reconhecer novamente esses sujeitos como responsáveis por narrativas importantes para a história. O que precisaria agora era que a mensagem que era transmitida se tornasse acessível para ser utilizada como confirmação.

Assim, Delgado (2006) chama a atenção da história oral como método, afirmando que a história oral “não é portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.”

Dessa forma, a história oral deve ser entendida como um método, um caminho para a produção de fontes que por sua vez nos leva ao conhecimento histórico de vozes e experiências específicas quer seja do mundo do trabalho, da cultura ou da política.

Na História Oral, por ser um procedimento metodológico que busca através de narrativas construir a fonte para pesquisa, ela vale-se da memória como fonte para as narrativas que resultarão no final, na fonte histórica propriamente dita.

O conceito de memória apresenta diversas definições, e se apresenta como um arsenal rico em possibilidades, onde múltiplas variáveis dialogam, e onde se entrelaçam presente, passado e futuro. Delgado (2006) conceitua a memória como sendo “reflexão sobre a experiência individual de vida, relacionando-a às experiências coletivas, ou seja, aos conteúdos históricos sociais.” Assim, ligada a memória, por vezes essa metodologia de pesquisa é vista como uma solução para dar voz aqueles que não possuem domínio da escrita. Por volta da década de 1970 a História Oral passa a ser pensada como acadêmica.

Ao se referirmos à História Oral, adentramos consequentemente ao campo da memória, assim fazemos uso daquilo que afirma Le Goff (1924), onde ele caracteriza memória como sendo um conjunto de funções psíquicas, pelas quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas. Como assegura Le Goff, o estudo da memória social é um meio fundamental para estudar os problemas do tempo e da história. Assim, para se estudar a memória histórica, deve-se dar certa atenção as diferenças entre as sociedades de memória essencialmente oral e sociedade de memória essencialmente escrita. É pois nesse contexto de

tradição de cultura oral e presença da memória, que situa-se nosso objeto de estudo, as rezadeiras e suas práticas.

1.2 Religiosidade popular no Brasil e na Paraíba

Com a descoberta do Novo Mundo, se teve uma grande investida dos europeus na colonização das terras brasileiras, tudo isso tomando como modelo aquilo que se tinha na Europa, tanto no que diz respeito a cultura, como a religião. Aos indígenas era imposto uma nova cultura, a religião cristã católica praticada pelos portugueses era também imposta, sendo eles obrigados a deixarem seus antigos costumes religiosos. Iniciou-se também no mesmo período a chegar no Brasil um grande contingente de negros africanos trazidos com o objetivo de serem utilizados como mão de obra escrava. Esses negros eram praticantes de uma religiosidade própria, tipicamente africana, ao aqui chegarem, houve então uma imposição de novos costumes. Esses nativos africanos resistiam mesmo que de forma silenciosa, mantendo assim seus antigos costumes religiosos. Fruto dessa resistência, ocorreu a junção com as tradições culturais e religiosas indígenas, europeias e africanas, que resulta naquilo que Araújo chama de catolicismo popular ou rústico.

Araújo (2011), descreve que:

No Brasil colonial, a religiosidade católica pode ser considerada como uma espécie de continuidade sincrética ampliada do catolicismo europeu, porém, composto de manifestações religiosas que aqui existiam de negros, índios e portugueses práticas que se mesclaram e formaram um perfeito caleidoscópio cristão, difundido de maneira constante na cultura e no sentimento de religiosidade do povo. [...] nessa religiosidade colonial, a multiplicidade de manifestações pode ser explicada através do exemplo dos escravos que já possuíam uma variação de costumes religiosos oriundos das diversas etnias, que juntas formavam outra manifestação dotada de heterogeneidades e que, entrelaçadas, ajudavam a formar o sincretismo religioso colonial. (ARAÚJO, 2011, p. 131)

Podemos perceber que de acordo com a autora, no Brasil desde o início da colonização e catequização houve uma junção das muitas diversidades de práticas religiosas que existiam aqui, dos indígenas, dos negros e europeus. O catolicismo aqui praticado podia ser considerado

uma continuidade do catolicismo europeu, mas que ao juntar-se com as mais variadas práticas religiosas das diversas etnias acabou formando um sincretismo religioso.

Resende (2003 p. 256) descreve que no início do processo de catequização dos povos nas terras brasileiras, os missionários eram tidos como os salvadores das almas tendo em vista que o objetivo das missões era somente a salvação da alma dos indígenas, mas que com o passar do tempo eles passam a também realizar rituais de cura dentro das próprias igrejas, seriam eles como curandeiros, faziam agora o que já faziam os pajés.

“[...] a catequese para o negro fora sumária, distraída, desinteressada das reais conquistas da alma.” Dessa forma, pode-se perceber que a imposição do cristianismo ao negro vindo da África não foi capaz de converter aqueles povos de maneira tão eficaz. Da mesma forma como os negros passaram por um processo de catequização e de resistência, também “o indígena sofreu o ataque maciço da catequese e fiscalização repressiva por todos os recantos de sua geografia residencial.” (Cascudo, 2015, p. 8), os indígenas também continuaram a praticar aquilo que já tinham como religiosidade mesmo com a catequização, adaptadas àquelas imposições europeias, seria assim um catolicismo mascarado, onde o que prevalecia de fato era a sua religiosidade tradicional. Percebe-se assim uma certa resistência e a continuidade das suas práticas religiosas nativas.

Sobre isso, Resende afirma que:

“[...] o guarani não abriu mão de seus valores. Pelo contrário, parece ter identificado nos padres o esforço de suas próprias crenças. Por isso, a eficácia da prática dos jesuítas não levou a comunidade à renúncia de suas crenças, como supôs o padre Díaz, entre tantos outros padres.” (RESENDE, 2003, p. 265)

Sendo assim, ao se propor estudar as ações jesuítas no processo de catequização dos povos indígenas, Resende destaca que mesmo com a ação catequizadora dos jesuítas os indígenas não abandonaram suas crenças, as suas crenças permaneceram mesmo com todo esforço dessa ação evangelizadora.

A tradição estudada nessa pesquisa de insere nesse contexto histórico de práticas populares impregnadas de uma religiosidade popular, que se relaciona com o catolicismo popular, ou o que se entende por um conjunto de práticas de fé que em suas formas de

apresentação e lugares de apresentação se diferem das práticas do catolicismo oficial pregado nas igrejas e segundo o roteiro das escrituras bíblicas. Nesse sentido, são práticas que acumulam e condensam crenças de diferentes matrizes.²

1.3 Experiências de cura na paraíba: práticas de um catolicismo popular.

As práticas de reza do catolicismo popular surgem no Brasil no período da colônia, período em que a medicina aqui existente não conseguia abranger todos os espaços territoriais naquele período. Eram períodos em que as doenças eram muitas e os meios para alcançar a cura eram escassos, com isso a população passava a buscar através do conhecimento popular, unido a fé e religiosidade, meios de obter a cura de determinadas doenças. Essa situação se manteve ao longo dos séculos agravadas pelas dificuldades sociais e problemas estruturais a exemplo da miséria e pobreza crescente.

Durante o século XIX, adoecer na Paraíba era algo bastante corriqueiro, principalmente por ser uma região ainda marcada pelo isolamento onde a presença da figura do médico era uma realidade para poucos, mesmo em um período em que as doenças passam a estar mais presente na vida das pessoas. Essas doenças e epidemias assolavam regiões e povoados inteiros, causando dizimação de boa parte da população. Dentre as epidemias, pode-se destacar algumas delas, o cólera, o sarampo, a febre, por exemplo. Naquela época doenças que hoje temos como comuns como uma simples febre, tinha grandes chances de causar o perecimento da população, exatamente pela ausência da medicina ou mesmo pelo isolamento das vilas e povoados, que podia dificultar o deslocamento até uma cidade próxima.

Como responsáveis pela proliferação dessas e de outras doenças naquele período, estavam as péssimas condições de moradia presentes naquele período. As pessoas viviam juntas aos porcos e aos excrementos, como afirma Alarcon Agra do Ó (2003, p. 21) ao se referir a Campina Grande em meados do século XIX “era de uma localidade pobre e ‘estercorosa’, em que a vida ia se costurando frouxa entre becos e casas a ponto da ruína, as poucas vias cheias de lixo e ‘manadas de porcos’ que ‘madrugavam, fuçando os monturos e fazendo a higiene’ no comer dos dejetos.” Não se tinha uma separação do que era destinado a moradia e o que era espaço de descarte de dejetos, eram poucas as condições de higiene. Ou seja, quanto mais

² SOUSA, Silvana Vieira de. **Tradição e fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX.** Campinas, SP: [s.n.], 2011.

aprofundava-se a pobreza e miséria social mais doenças eram contabilizadas para o terror da população desassistida totalmente em suas necessidades.

Durante o século XIX, o Brasil se viu marcado por uma série de doenças e epidemias que assolavam regiões e povoados inteiros, como o cólera, por exemplo, que devastavam e causava medo na população, dessa forma se tinha um “alto o índice de morbidade e de mortalidade humana”, a morte passou a ser algo que estava sempre presente, que passou a fazer parte do cotidiano das pessoas. Morrer se tornou algo bastante normal naquele período e as pessoas passaram a não sentir com tanto pesar a perda de um parente ou de uma criança.

Era um período em que o padecer era muito, e as fontes de cura eram escassas. A medicina agora que começava a engatinhar, principalmente em se tratar de regiões isoladas e com pouco desenvolvimento, não havia portanto, a presença de médicos, as pessoas estavam à deriva e então tinham que se valer daquilo que tinham ao seu alcance como uma forma de se livrar daqueles males. Ainda assim, mesmo em tempos de modernidade e nas cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife para citar as maiores, a saúde da população não era considerada sob a perspectiva de um problema social. Assim, quando a população não encontra meios oficiais para curar os males que lhe afeta, ela passa a fazer uso daquilo que têm a seu alcance, como esboça Alarcon:

O povo, enfim, em geral usava o que tinha à mão numa terapêutica fantástica, crendo em tradições por vezes datadas dos tempos da Colônia: chá de barata contra asma, chá de excremento de cachorro contra sarampo, chá de grilo para fazer menino falar, urina de vaca preta com leite cru para tuberculose [...] rezas para mal encausado, espinhela caída, sol na cabeça, quebranto e coisa feita [...] (ALARCON, 2003, p. 30-31):

Pode-se perceber que as pessoas passam então a buscar na tradição, na religião e na reza, principalmente, um meio de conseguir suportar tantos males que lhes afeta. Muitas vezes essas formas alternativas não conseguem alcançar a cura que se espera, nunca se sabe. Observamos assim uma mescla daquilo que é conhecimento cultural e daquilo que é religiosidade popular, coisas que são comuns à população principalmente em se falar do Nordeste.

1.4 O universo social e cultural das rezadeiras

Cascudo ao tratar das rezas e das rezadeiras, as define como:

As orações para curar enfermidades são os ensalmos ou mais propriamente Rezas. A reza, arma da rezadeira, é um elemento indispensável no complexo popular brasileiro, herdeiro do povo português. A rezadeira, mulher de virtude, feiticeira, etc., é figura imutável no cenário psicológico, inseparável e fatal em todos os momentos de dor mais teimosa ou de mágoa mais resistente. (CASCUDO, 1999, p. 641)

Dessa forma, segundo Cascudo, as rezadeiras são mulheres que realizam a prática da benção. São agentes religiosos que normalmente estão ligadas a religião católica. São mulheres que exercem uma ação considerada sagrada, e são procuradas pelas pessoas da comunidade onde residem como fonte de cura para os mais diversos males, exercendo assim um papel importante dentro dessa comunidade onde são conhecidas pela prática que exercem. Aqueles que recorrem a esse tipo de prática, às buscam para a cura de doenças específicas, como quebrante, espinhela caída, dentre outros males, doenças estas que são consideradas por elas como sendo males da alma, e que normalmente não são tratadas pela medicina tradicional.

As senhoras rezadeiras que aqui iremos abordar, se afirmam como praticantes do catolicismo popular. São mulheres que estão inseridas nas práticas religiosas católicas presentes na comunidade rural na qual estão inseridas, que buscam sempre estarem em comunhão com a igreja a qual fazem parte, frequentando a missa, fazendo suas orações. São assim mulheres praticantes da religião a qual se afirmam. Mas, suas práticas extrapolam os lugares sagrados da fé.

Através do conhecimento popular, as rezadeiras atuam através da realização de uma ação sagrada que visa agir basicamente como fonte de cura para os males do corpo. São muitas as doenças físicas tratadas pelas rezadeiras aqui abordadas, dentre elas, dor de cabeça, dor de dente, mau-olhado, vento caído, dentre tantas outras. Dentre essas doenças se destaca o mau-olhado, enfermidade bastante comum e que é causa de busca da prática da reza, onde muitas pessoas recorrem a reza como fonte de cura. Sobre o mau-olhado, Quintana (1999) evidencia que:

[...] o mau-olhado [...] teria sua causa, sua origem no ciúme e na inveja. Assim, quando o marido abandona a mulher, quando a pessoa foi mal num negócio, quando não se consegue concretizar algo almejado, quando as coisas estavam

indo bem e começaram a piorar, é a esse universo que será remetida a explicação. (QUINTANA, 1999, p. 133)

A causa das enfermidades como vemos, não são tidas como as mesmas causas daquelas doenças tratadas pela medicina tradicional. A partir do que é explicitado por Quintana, é possível perceber que as atribuições das enfermidades tratadas pela reza são buscadas no universo, em alguma ação possível de explicar. Quando “a pessoa foi mal num negócio” a causa a qual é remetida é justamente ao “mau-olhado”, ao olho gordo.

Embora se espalhem com mais força no período de colonização, as práticas de cura de doenças através da reza é algo que está presente no Brasil desde o período colonial e antes dele expressas pela figura do pajé. O pajé se configura como sendo o responsável por realizar as práticas curativas através do uso de ervas medicinais e também fazendo uso da religiosidade que lhes é própria, eram normalmente negros africanos que carregavam consigo toda uma figura bastante respeitada, em seu meio cultural mas que passaram por um duro processo de violência e desqualificação quando da catequização pelos jesuítas, sendo assim marcado pela resistência religiosa.

Pode-se dizer que essa prática passou a existir como resultado da comunhão do catolicismo com as culturas religiosas trazidas pelos escravos africanos que aqui chegavam. Ao aqui chegarem, era imposta uma nova religião sob esses negros, deuses que eram diferentes daqueles que eles já cultuavam. Com a resistência tida, esses escravos acabaram absorvendo alguns traços da religião católica, enquanto mantinham outros de sua antiga religião. Essa junção do catolicismo com outras culturas religiosas resultou naquilo que é chamado de catolicismo popular ou rústico. A reza carrega em si, toda uma simbologia, algo que podemos denominar de místico. Acredita-se que para obter a cura de uma determinada enfermidade, aquele que procura uma senha rezadeira precisa ter fé, seria a fé a responsável por conceder a cura.

Sobre a busca da reza como meio de resolver determinadas situações, que não em casos de doenças Quintana explana:

Porém, não é somente nessa situação, ainda que ela seja a principal, que a fragilidade humana se torna evidente. Ela também marca sua presença em diversos momentos do cotidiano quando deparamos com algo da ordem do impossível (impossível de modificar). Isso não significa que a pessoa não possa fazer determinadas coisas para atingir o objetivo procurado; contudo,

ela não vai ter controle sobre o resultado daquilo que almeja. (QUINTANA, 1999, p. 145)

Como se pode perceber, buscar os trabalhos de uma rezadeira não é algo casual somente no que diz respeito as enfermidades do corpo. Muitas vezes se busca a rezadeira em diversos momentos da vida como saída para resolver casos tidos como impossíveis, coisas do cotidiano, como uma prova de um concurso, a busca por um emprego, coisas da vida amorosa, como um namoro, por exemplo, dentre tantas outras situações.

Ao rezar, as senhoras rezadeiras realizam uma certa ligação entre o sagrado e profano, seria um ato de súplica, de implorar um pedido à Deus para que ele conceda a cura de determinada doença. Para realizar essa ligação entre sagrado e profano, elas fazem uso daquilo que vivenciam do chamado catolicismo popular, invocando na reza seus santos de devoção, mas isso não quer dizer que essas práticas são ligadas a alguma instituição religiosa. Seu espaço de atuação é constituído por elas próprias, não fazendo uso de nenhum templo religioso, por assim dizer.

A rezadeira apresenta como lugar de atuação não um espaço sagrado, ou um templo religioso, mas como sendo a sua própria casa. Um lugar constituído por elas próprias, no qual está ao seu alcance aquilo que ela precisa para realizar a sua prática, os ramos por exemplo. Em suas casas é comum encontrar imagens de seus santos de devoção, aqueles que são clamados no momento da súplica.

A transmissão dos conhecimentos detidos pelas rezadeiras carregam também uma certa simbologia, como será abordado no decorrer deste trabalho. A transmissão não se dá ao acaso ou para qualquer pessoa, nem de qualquer forma. É mencionado constantemente por elas em seus discursos que a rezadeira sendo mulher, só pode ensinar a reza a um homem, esse fato se contrariado, acabaria ocasionando o “enfraquecimento” de suas orações. A transmissão se dá geralmente de maneira oral. A reza em si carrega toda uma tradição de oralidade, onde as orações que são rezadas pelas senhoras rezadeiras no momento do ritual é feito de maneira oral, em voz baixa, afim de manter aquilo que é tradicional a elas e que é transmitido de geração em geração.

É comum na região nordestina as práticas culturais de oralidade. A região a qual nos propomos a estudar apresenta diversas práticas culturais não somente ligadas a religiosidade, que através de um discurso oral realiza suas práticas e as transmite para aqueles que irão manter

a tradição, mas ainda outras práticas culturais de oralidade. Dentre as muitas dessas manifestações culturais, temos os contadores e os cantadores, ou repentistas, por exemplo.

Os chamados contadores de história proferem os fatos através da oralidade, tendo a memória grande importância nessa prática, visto a ausência de escritos. O contador é mais uma dentre tantas outras práticas culturais de oralidade, se destaca pelo seu papel exercido na sociedade que estão inseridos. Era algo comum até certo tempo atrás, as reuniões das pessoas de uma comunidade em volta do contador para ouvir as histórias que eram contadas, e essas podiam ser dos mais diversos assuntos, dos reinos encantados, dos príncipes e princesas, dentre outras.

Já os cantadores ou repentistas são responsáveis por difundir uma cultura própria nordestina, e que é transmitida oralmente pelo poeta popular. A cantoria acontece de forma improvisada, é cantado aquilo que é vivência do poeta, o sertão nordestino, a vivência na roça, as experiências cotidianas, tudo é contado de maneira poética. Por ser uma expressão cultural que faz uso da oralidade como instrumento de difusão, se percebe a importância da memória para esse processo, tendo em vista também que o que é cantado pelo poeta são as suas vivências passadas.

No próximo capítulo, objetivando situar o universo de atuação no tempo, no espaço e na vida material e simbólica das rezadeiras, apresentaremos São José de Piranhas, espaço ao qual está situado a nossa pesquisa, onde abordaremos mais a fundo essas práticas culturais. Dessa forma, se mostra de fundamental importância a discussão acerca das práticas culturais que estão presentes nesse espaço.

CAPITULO II: SÃO JOSÉ DE PIRANHAS NO TEMPO: TEMPOS DE REZADEIRAS.

2.1 Abordando a história local

Quando me propus trabalhar com práticas de reza, me voltei ao espaço no qual estava inserido, confirmando o fato de que o lugar social do pesquisador influencia a sua pesquisa, pois trabalhar com cultura, seja ela popular ou erudita, envolve relações de identidade. Dessa maneira, o recorte espacial o qual tange a nossa pesquisa, é o município da cidade de São José de Piranhas PB, de forma mais estreita, a comunidade rural de Caldeirão, onde as práticas culturais e religiosas, mais especificamente as rezas estão presentes no cotidiano desta comunidade expressas de formas diversas dentre elas pelas práticas das rezadeiras.

São José de Piranhas é um município paraibano localizado na região do alto sertão, microrregião de Cajazeiras. O início da povoação desse município se deu a partir da segunda metade do século XVIII, através da ocupação por sesmarias. Sesmaria era basicamente a concessão de terras despovoadas pela coroa portuguesa, para que ali as pessoas pudessem fazer a produção agrícola ou criação de gado, por exemplo, que eram as atividades mais comuns. Dessa forma, a primeira sesmaria nessa localidade foi adquirida pelo capitão Vital Viera da Costa no ano de 1759, no local chamado Poço da Anta, nas cabeceiras do Piranhas³. Esse foi então o primeiro lote de terra adquirido, onde mais tarde novos sesmeiros aparecerão e também outros povoadores:

Outros sesmeiros foram aparecendo na região e adquirindo terras que no futuro formaria o município piranhense, mas não foram somente os sesmeiros os povoadores de São José de Piranhas, outras pessoas se instalaram na região, como proprietários de terras adquiridas por herança ou compra, contribuindo assim para a consolidação do povoamento do município[...] (LIMA 2010, p. 17)

A partir do trecho acima podemos afirmar que a concessão de sesmarias propiciou a povoação do município, e como dito, a primeira adquirida foi a do Poço da Anta, pelo capitão

³ LIMA. Messias Ferreira de. **São José de Piranhas: um pouco de sua história**. Cajazeiras: Gráfica e Editora Real, 2010.

Vital Vieira da Costa, e a segunda no sítio São José, por Francisco Xavier de Miranda, como coloca também o autor.

É em torno dessas sesmarias que se tem início a formação do povoado. Como posto, podemos perceber que dentre os povoadores de São José de Piranhas tem-se ainda outros grupos de pessoas que tiveram importante contribuição nesse processo, como os proprietários de terras. Mais tarde essa cidade vai estar desenvolvendo uma certa influência econômica através da produção agrícola e pela criação de gado. É importante notar que o início da povoação se dá nos entornos do Rio Piranhas, e isso se explica pelo fato de que por estar próximo as margens do rio, havia maiores facilidades das pessoas se fixarem e desenvolverem a atividade agrícola, inclusive o nome da cidade se deve a este rio.

No ano de 1921, em decorrência dos grandes períodos de estiagem na região, tem início a construção da barragem de Engenheiro Ávidos. Com isso, a cidade de São José de Piranhas fiaria praticamente inteira submersa pelas águas, teve-se então a necessidade de realizar a transferência da sede do município. Por esse tempo, a cidade já contava com importantes construções públicas, graças ao considerável desenvolvimento econômico alcançado pela mesma. O local escolhido foi o sítio Jatobá, o qual apresentava ótimas condições de localização para se tornar a nova sede. No ano de 1936, a população dava o último adeus a vila, Messias Ferreira de Lima afirma em seu livro sobre a história de São José de Piranhas que:

Talvez, o momento mais triste da história piranhense tenha sido o dia 20 de dezembro de 1936, nessa data a população dava adeus aquela localidade, onde muitos sonhos deixaram de ser realizados, sem direito de retornar a sua terra mãe, porque ali só restavam os escombros e o pouco que ali ficava logo seria tragado pelas águas volumosas do açude de Boqueirão. (LIMA 2010, p. 92)

Nesse trecho, Lima (2010) descreve com certa nostalgia como foi a despedida da população da cidade de São José, no momento em que foi transferida para sua nova sede. Sua transferência oficial se deu no início do ano de 1937, que mesmo com toda tristeza em ter que deixar para trás o seu lugar, para a população aquele foi um momento de grande festividade, pois estavam iniciando assim um novo tempo.

Vejamos a seguir o hino do centenário de São José de Piranhas, que foi composto pelo poeta e vereador Diá de Jatobá em 1985, ano em que o município completou seu primeiro centenário de emancipação política. Pode-se observar que nele aparece momentos importantes

da história de São José de Piranhas, como a transferência da sede do município, por exemplo. Seria essa uma tentativa do autor de manter viva na história, aquele que foi o passado dessa cidade, hoje pouco lembrado pelo seu povo.

São José de Piranhas já foi
Cidade de capitão, major e coronel
Que não temeu Lampião
E hoje submergida
Se encontra adormecida
Nas águas do Boqueirão.

Seus filhos de lá saíram
Também para não se afogar
E trouxeram o que sobraram
Para o sítio Jatobá.
Em trabalho mutirão
Construíram novamente
O São José do passado
No São José do presente.

Foi uma luta sem guerra
De trabalho e muita paz
De seus filhos que se foram
Pra não voltar nunca mais
Vivendo cheio de glórias
No mundo dos imortais.

Oh São José de Piranhas
Seu primeiro centenário
És a princesa do vale
Pra o mais rico ao operário
Pela força que tu tens
Aceite os meus parabéns

Por mais um aniversário. (LIMA, 2010, p. 141-142)

2.2 São José de Piranhas, uma cidade católica cristã

Como se sabe, a Igreja Católica teve um papel fundamental na formação dos primeiros núcleos urbanos na Paraíba. O acentuado espírito religioso dos primeiros habitantes da região reclamava a presença de padres para a celebração de atos litúrgicos e com eles começaram a aparecer os oratórios privados que se transformaram em capelas após o cumprimento das exigências do direito canônico para sua criação. As capelas davam origem à formação dos arraiais, que constituíam em povoações e relativa importância econômica e social. Junto a elas, os fazendeiros mais próximos construía casas de moradias, onde se instalavam com as famílias para assistirem a celebrações de missas e outros atos religiosos. (VIEIRA; LIMA, 2014, p. 37)

O contorno do território paraibano foi definido com base na formação das povoações, em sua grande maioria de origem religiosa. O santo ou a santa de sua invocação passava a padroeiro/padroeira do lugar com a criação da Villa.(VIEIRA; LIMA, 2014, p. 48)

Como citado acima, a grande maioria das cidades paraibanas tem uma forte ligação religiosa desde a sua formação estando a igreja no centro de sua formação, assim essa ligação também se expressa em São José de Piranhas, que desde seu surgimento, apresenta uma forte ligação com a religião católica, tendo no início a sua povoação se dado em torno da igreja. Estavam ali presentes, a praça, o mercado, tudo estava muito próximo. Nesse caso, o santo de sua invocação é São José, que além de padroeiro dá também nome a cidade, mostrando assim a grande importância dada a religião desde os primórdios. Assim, seu nome expressa a terra: o rio Piranhas, e sua crença: o Santo São José.



Figura 01: Igreja Matriz de São José, foto recente.
Fonte: <https://www.paroquiasaojosesjp.com/paroquia>

Vemos na fotografia a cima, a Igreja Matriz de São José de Piranhas, que tem como padroeiro, São José. Ela está localizada no centro da cidade e foi construída em um local devidamente escolhido no momento em que houve a transferência da sede do município, a construção de sua torre foi concluída somente no ano de 1952⁴ pelo Padre Nicolau Leite de Sousa, passando desde então por diversas reformas.

Seja na antiga ou na nova sede da cidade, a presença da Igreja é algo bastante presente, o povo piranhense é em si bastante religioso. Todos os anos durante o mês de março a comunidade paroquial se reúne para celebrar o novenário de seu Padroeiro São José. As festividades, como afirma Silva (2018), “[...] sempre foi de frente a Igreja Matriz. Colocavam-se barracas e em torno delas mesas e cadeira na rua para atender o povo (que povo?) e realizar a venda de alimentos típicos da época e também bebidas, incluídas as alcoólicas.” Até os dias de hoje, esses momentos celebrativos acontecem no entorno da Matriz, onde são colocadas as barracas para realização de quermesses, como foi colocado por Silva. São momentos onde todos se reúnem, as novenas não é tida pelo povo apenas como um momento de um encontro com o sagrado, mas uma oportunidade de encontros e reencontros com amigos e conhecidos, são

⁴ VIEIRA e LIMA. **História da Paróquia de São José de Piranhas: 174 anos de fundação (1840-2014)**. João Pessoa: A União, 2014

muitos os filhos da terra que retornam à São José no período da festa do Padroeiro. Partindo disso, pode-se perceber a fervorosa fé e devoção dessas pessoas.

Essa religiosidade fervorosa, se reflete não somente na zona urbana de São José de Piranhas, mas sobretudo na zona rural, onde certas tradições religiosas ou culturais tendem a ser mais fortes e presentes.

A exemplo da comunidade rural do Caldeirão, recorte espacial principal para essa pesquisa, localiza-se na zona rural de São José de Piranhas, no sertão paraibano, distante cerca de 20 quilômetros do município.

Esta comunidade particularmente, objeto de nosso estudo, apresenta uma íntima ligação com essa atmosfera cultural, em especial o universo do sagrado, onde é possível perceber as mais diversas práticas religiosas, algumas delas até hoje bastante presentes, outras guardadas somente na memória daqueles que no passado praticavam, como por exemplo, as procissões ou acompanhamentos e novenas dedicadas aos santos, que ainda hoje são bastante aclamadas pelo povo. Dessa forma a religiosidade adentra o cotidiano social e simbólico das pessoas dessa comunidade. E esse ambiente, cercado pela religiosidade se percebe a partir da fala das senhoras rezadeiras que aqui nos propomos a abordar ao afirmar a sua fé católica:

A católica pra mim é... uma maravilha. Porque eu fico muito feliz que eu era da igreja, tirava... assistia a reza na igreja, assistia na casa do meu pai, que meu pai toda vida tirava a reza lá. Ai... [...] Ai agora eu resolv... Ia para a igreja. Ai agora eu tô tirando minhas novenas em casa, tô muito feliz porque eu tô tirando minhas novena em casa, bem tranquila, bem assossegada. [...] [sic].⁵

É possível perceber na fala dessa rezadeira, que a religiosidade é algo que ela tem contato desde a infância, vivenciando ainda na casa de seus pais as novenas rezadas aos santos bem como também na igreja. Por mais que hoje em dia essa senhora não tenha mais uma vivência religiosa dentro da igreja, ela continua a praticar aquilo que é comum a sua fé, em sua casa, ou seja, continua inserida nessa sociedade marcadamente religiosa.

⁵ Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

2.3 A vida: o mundo do trabalho e o cotidiano social em São José de Piranhas-PB e Caldeirão.

Em Caldeirão, São José de Piranhas-PB, como uma comunidade rural, apresenta portanto características típicas de um universo rural. Essa comunidade ela se constituiu desde seu surgimento como uma comunidade rural com hábitos do cotidiano de trabalho na roça, casa, igreja. As pessoas que ali residem vivem hoje, assim como sempre viveram tendo a agricultura como principal fonte de renda e sustento da família. Muitos são praticantes de uma agricultura familiar, na qual estão envolvidos todos os membros do grupo familiar. Provavelmente boa parte deles são trabalhadores de terras alheias, trabalhando por relações de meia, em que parte da produção ficava para os donos das terras. Por ser uma região que tinha a presença de vários engenhos de rapadura, podemos supor que estes exerciam uma certa influência dentro da comunidade, e estes eram uma fonte de renda para muitos trabalhadores que nela viviam.

Além de todos os produtos agrícola produzidos, esta comunidade se destaca como sendo até certo tempo atrás uma grande produtora de arroz, essa era uma das atividades que mais produzia excedentes dentro da comunidade rural de Caldeirão. Nela tudo se produz, tudo se planta e tudo se colhe. Além da agricultura, era produzido tijolos e telhas de maneira artesanal, onde esses produtos tanto eram usados em suas construções locais, como também eram vendidos para fora. Esta era uma atividade econômica de grande influência, de onde saia o sustento para muitas das famílias que ali reside, mas que hoje deixou de ser praticada.

Esta é uma comunidade que hoje já prova de um certo desenvolvimento, é uma comunidade que muitos hoje já sabem ler, mas que as pessoas há um certo tempo atrás não tinham leitura, não tinham acesso a educação da forma que temos hoje. Estudar até certo tempo atrás para uma pessoa que residia na zona rural, era para poucos, apenas aqueles que possuíam posses conseguiam mandar seus filhos para estudarem fora. Mesmo que hoje não se tenha mais a escola funcionando, mas já teve. Mesmo que na ausência de uma escola na comunidade em dias de hoje, as pessoas apresentam condições de mandar seus filhos para estudar em outra cidade, tem o transporte que transportam essas pessoas para as escolas.

A energia elétrica chegou por volta de 1970, o que era uma grande novidade, mas de acesso restrito a poucos. Apenas quem tinha melhores condições econômicas conseguia ter em sua casa energia elétrica. Após a chegada da energia elétrica, começa a chegar também outros objetos de modernidade, como o rádio, a televisão e o telefone. De forma semelhante se deu o

abastecimento de água, que sempre se deu de maneira precária, sendo usada água de cacimba⁶ até hoje. Apenas após a chegada da energia elétrica é que se tem o melhoramento nas condições de abastecimento, com a implantação do motor elétrico e a instalação de tubulações.

2.3.1 Trabalho, agricultura e comércio

Desde seu surgimento, as atividades predominantes que sempre se destacaram foram a agricultura e a pecuária, foram elas também responsáveis por trazer os primeiros ares de desenvolvimento e modernidade para a cidade. Já a partir do século XX, São José de Piranhas começava a apresentar um certo desenvolvimento econômico a partir da criação de gado, o cultivo do algodão, do milho, do arroz e do feijão.⁷

A cidade já contava também com certos elementos de modernidade, como energia elétrica movida a motor suíço, mas que não beneficiava a toda a população. A cidade cresceu, a população conseqüentemente aumentou, com isso o motor não é capaz de suprir a necessidade de luz elétrica para todos.

Foi nesse mesmo período, a partir do desenvolvimento dessas atividades, que a cidade passa a experimentar um desenvolvimento econômico, tanto que novos prédios públicos foram construídos, como coloca VIEIRA; LIMA; (2014, p. 118): “foi construído o Mercado Público, seguido da abertura de novas ruas e casas comerciais. No mesmo local foram construídos o novo prédio da Prefeitura, os Correios e Telégrafos e a nova Matriz [...]” Em 1965, a cidade deixa de assim de utilizar a energia à motor, e passa a receber energia elétrica permanente vinda de Paulo Afonso, foi portanto, depois de Cajazeiras a segunda cidade do alto serão paraibano a contar com essa novidade.

A fundação da cidade em si, apresenta uma forte ligação com a pecuária, tendo em vista que foi a partir da concessão de sesmarias para a criação de gado no século XVIII que acabou influenciando a fixação de pessoas nessa região. A respeito da criação de gado, LIMA (2010) apresenta que “a ocupação de São José de Piranhas, sendo feita a partir do meado do século

⁶ Cacimba é uma espécie de poço, cavado em locais úmidos, de onde é retirado água para o consumo.

⁷ VIEIRA e LIMA. **MÊMORIAS DO JATOBÁ CLUB (1944-2007)**. João Pessoa: A União, 2012

XVIII, tendo o gado como fator importante [...]”⁸ afirmando assim a importância dessa atividade.

Durante muitos anos outra atividade que ganhou destaque e que muito ajudou no desenvolvimento econômico sertanejo, não somente a São José de Piranhas, foi a cultura do algodão, que aqui plantado era vendido e exportado para outros países. Essa cultura do algodão gerou renda e influenciou a modernização que chegava por aqui naqueles tempos.

Dentre tantas atividades econômicas presentes em São José de Piranhas, uma outra em especial muito se destacou durante um longo período de tempo, apresentando um declínio a partir do final do século XX, seria ela o plantio de cana de açúcar e os tradicionais engenhos produtores de rapadura e outros produtos derivados da cana. Durante muito tempo a nossa região apresentou grande influência através da produção e comércio de produtos advindos dos engenhos. Inicialmente esses engenhos funcionavam de forma rústica, mas com o tempo e o aumento da produção foram se modernizando, como afirma Lima:

Com o passar dos anos os engenhos foram se modificando, as moendas que eram de paus foram substituídas pelas de ferro e as juntas de bois foram trocadas pelas caldeiras a vapor e os motores a diesel para movimentarem o maquinismo. (Lima, 2010, p. 39)

Antes da modernização os engenhos funcionavam a partir das juntas de boi. Com o passar do tempo, com a modernidade e o crescimento da produção, houve condições para que esses engenhos funcionassem de maneira moderna, trocando as juntas de bois pelas caldeiras a vapor e os motores a diesel, como citado a cima.

Em um levantamento realizado por Lima (2010), consta em funcionamento na comunidade rural de Caldeirão três engenhos até a segunda metade do século XX:

41. Engenho do sítio Caldeirão – Fundador Joaquim Lacerda Leite, funcionou dos anos Trinta aos anos Sessenta do século passado, era engenho de médio porte movido por um grande vapor que também descarregava algodão que era vendido na cidade de Campina Grande a SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro).

⁸ LIMA, 2010, p. 65.

42. Engenho do sítio Caldeirão – Proprietário Antônio Teófilo funcionou dos anos Trinta até os anos Sessenta do século XX, foi movido por juntas de bois e depois caldeira.

43. Engenho do sítio Caldeirão – Fundador José Vieira da Silva (Zé Quinco), por volta de 1910, foi movido a bois e depois caldeira, funcionando até os anos Sessenta do Século XX sob o comando de Domiciano Vieira. Lá também funcionou um pequeno alambique. (LIMA, 2010, p. 47-48)

Essa foi uma atividade de grande importância, principalmente econômica, para o cenário da comunidade rural do Caldeirão, assim como para São José de Piranhas como um todo, mas que infelizmente não suportou chegar aos nossos dias. Atualmente poucos engenhos funcionam na região. O engenho em si carrega uma soberania em meio as outras atividades envolvendo o campo, justamente devida a sua importância para a economia e para a sociedade. Em função dessa atividade tão influente, a comunidade na qual se situa o nosso objeto de estudo, por ser uma sociedade que apresenta uma forte ligação com a agricultura, daí o nome Caldeirão diz respeito a essa atividade de trabalho, já que “caldeirão” era as grandes caldeiras utilizadas nos serviços do engenho.

Por ser uma sociedade com traços tipicamente rurais e conseqüentemente ligada à agricultura, uma parte do excedente produzido pelas pessoas nesse período é levado para a cidade para ser comercializado em feira livre. Lá se vendia os mais diversos produtos como a rapadura, o milho, o feijão, dentre tantos outros produtos colhidos ou fabricados ali.



Figura 02: Feira livre em São José de Piranhas.
Fonte: Jairo Ramon Alves da Silva (2018, p. 55)

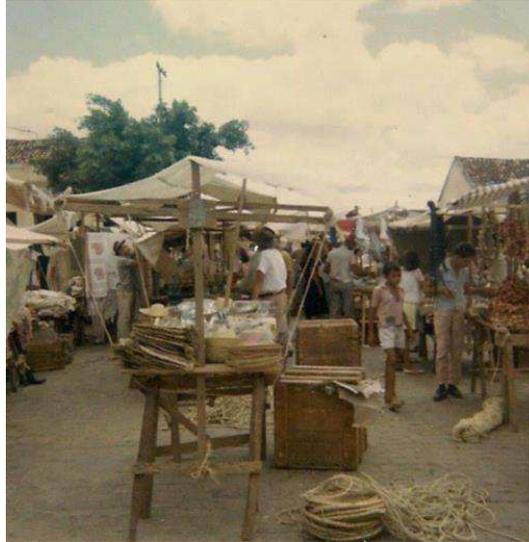


Figura 03: Feira livre em São José de Piranhas.
Fonte: Jairo Ramon Alves da Silva (2018, p. 55)

2.4 As rezadeiras como personagens de um campo das tradições orais e outros personagens

Estamos aqui apresentando São José de Piranhas na segunda metade do século XX. Temos portanto uma sociedade com traços ainda predominantemente rurais, e conseqüentemente uma sociedade fortemente marcada pelas tradições culturais de oralidade. De maneira geral, o Sertão nordestino apresenta diversas expressões culturais no que diz respeito aquelas com forte presença da oralidade, que tem o discurso oral como fonte de difusão. A região de São José de Piranhas, na qual se enquadra o recorte central de nossa pesquisa, no caso a comunidade rural de Caldeirão, está inserida nesse ambiente impregnado por essas práticas culturais de oralidade. Conforme foi anunciado no primeiro capítulo desse estudo, temos algumas dessas atividades, como os contadores, os cantadores ou repentistas, e ainda os emboladores de coco, como personagens desse cenário.

Os cantadores ou repentistas, conforme foi brevemente apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, são personagens tipicamente nordestinos que através de suas vivências cotidianas, a vida na roça, a convivência com a seca, enfim, o sertão e suas mais diversas faces, utilizando a oralidade, transformam essas vivências em poesia. A cantoria é realizada sempre de maneira improvisada, daí a sua particularidade e também a importância do discurso oral nesse processo. Abreu, afirma que “a cantoria é em si um desafio, poesia oral, cantada e

improvisada entre dois repentistas, que tem no Nordeste o seu lugar de produção e expressão.” (ABREU, 2018, p. 20-21) A cantoria é portanto afirmada como sendo poesia oral e cantada de maneira improvisada, seria ainda definida como sendo um desafio, onde os dois poetas, chamados de repentistas, irão travar um desafio poético. Os emboladores de côco, assim como os cantadores, são agentes da cultura popular de prática poéticas que através do uso do discurso oral e do improviso, realizam a sua prática. O poeta nesse caso, canta também as suas vivências, sempre acompanhado de algum instrumento.

Os contadores de histórias, afirma Sousa, “é mais uma das personagens de um amplo quadro cultural de tradições orais existente no Nordeste, cuja forma de expressão e de existência tem-se dado através da oralidade.” (SOUSA, 1997, p. 18) Por ser um personagem que faz uso do discurso oral para produzir seu discurso, o contador de história aciona a memória como fonte das histórias que narra. Assim como os cantadores, esses personagens depende da oralidade para que sua prática seja consolidada, e isso se deve devido a inexistência de escritos ou também pelo fato de que muitas vezes o contador de histórias se mostra como sendo analfabeto. Dessa forma, muitas vezes o contador de histórias narra aquilo que foi vivenciado por ele, aquilo que ele carrega como experiência.

É portanto dentro desse mundo cercado por essas e outras práticas culturais de oralidade que se insere as rezadeiras, personagens centrais desse estudo, que através de suas rezas, orações e súplicas, realizam as práticas ditas de cura naqueles que enfrentam enfermidades do corpo, ou até mesmo problemas enfrentados no dia a dia das pessoas, como abordaremos no próximo capítulo. A prática da rezadeira, assim como as outras práticas culturais apresentadas anteriormente, carrega com ela a necessidade do discurso oral para sua difusão.

2.4.1 Rezas e rituais: ladainhas, novenas e procissões

A comunidade rural do Caldeirão se destaca no que diz respeito à expressões religiosas aqui chamadas de expressões de um catolicismo popular, situação comum no Brasil, principalmente nas localidades rurais onde a presença de um padre é mais escassa. Fato que direciona para que estas práticas religiosas de maneira independente sejam vivenciadas em ambientes diferentes daquele que é o templo religioso a exemplo das igrejas e templos afins. Dessa forma, essas expressões religiosas não são subordinadas a nenhuma organização eclesiástica, como é o caso das rezas praticadas pelas rezadeiras como maneiras de obter a cura

de doenças. Há ainda àquelas expressões de fé praticadas e difundidas pela própria Igreja, sendo algumas destas bastantes perceptíveis no sítio Caldeirão, podemos destacar as ladainhas destinadas aos santos, as novenas e procissões.

As práticas de crença do catolicismo, na zona rural ocupa um lugar de destaque ontem e hoje. As pessoas dão a religião grande importância, onde as suas vidas e seus afazeres no dia a dia estão cercados pela religiosidade que praticam. Os santos, aos quais destinam suas devoções, apresentam lugar de destaque na vida daqueles que os veneram.

As famílias possuíam em suas casas locais destinados a oração, alguns ainda hoje, mesmo que de maneira pouco perceptível, preservam o uso do oratório como lugar de devoção particular, é nele que são colocadas as imagens dos santos e onde são feitas as orações. Os oratórios são como uma espécie de capela, e geralmente eram usados pelas pessoas que residiam em lugares onde a presença da Igreja e de um padre não era tão presente. Essas pequenas capelas, tão comuns até um certo tempo atrás eram passadas de geração em geração.

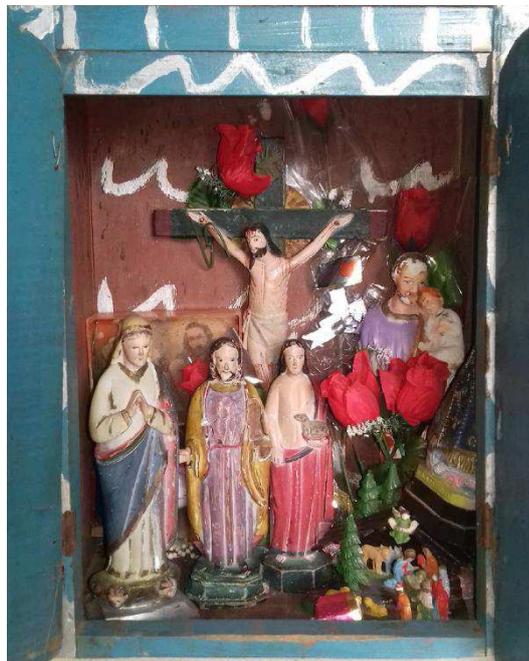


Foto 04: Oratório reservado a devoção particular.
Fonte: Arquivo Pessoal

Podemos observar um oratório destinado a devoção particular, presente na casa de algumas pessoas da comunidade rural de Caldeirão, exemplificada pela foto acima ainda hoje

presente e utilizado geralmente nos momentos de rezar as novenas marianas durante todo o mês de maio.

No sítio Caldeirão, a religiosidade é bastante presente, o seu padroeiro São Francisco, é um santo muito querido pelo seu povo, que celebra com grande fervor todos anos desde o final da década de 1990 o seu novenário acontece entre os meses de setembro e outubro. É uma festa bastante conhecida e que atrai fiéis de outras localidades vizinhas, devido a grande devoção direcionada a este santo.



Foto 05: Festividade do Padroeiro no ano de 1999.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Foto 06: Procissão realizada durante as festividades do dia do Padroeiro na Comunidade.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Todos os anos, além das outras procissões realizadas, a que persiste até os dias de hoje é a procissão do padroeiro desta comunidade, realizada no dia 04 de outubro. As pessoas ao

saírem em procissão com as imagens de santos, além de ser tido como um momento celebrativo, em que se comemora alguma data importante do ponto de vista religioso, nesse caso o dia dos santos, é também um momento de manifestar publicamente a fé que professam. Nas procissões as pessoas saem as ruas comemorando com alegria os seus santos padroeiros, no Brasil essa prática está presente desde o período colonial. Por termos sido colonizados por um país católico, a tradição das procissões foram trazidas e implantadas aqui no Brasil, além de outras manifestações de fé conhecidas.

Aproximadamente nos anos 1990 eram comuns as procissões, ou acompanhamentos de imagens de santos quando era realizado o “roubo” dessas imagens. Essas procissões eram realizadas no momento do ato de devolver a imagem a família a qual ela pertencia, e eram “roubadas” com a finalidade de, em momentos quando faltavam as chuvas, pedir a intercessão do santo para que a chuva viesse. Essas procissões eram bastante conhecidas e muito participadas pelo povo, que com grande e fervorosa fé, fazia a caminhada entoando orações, cânticos e ladainhas.

2.4.2 Cultura de divertimento: violeiros, cantadores, emboladores de coco e aboiadores

O Nordeste brasileiro em si, é bastante rico quando se trata de manifestações culturais. Aqui podemos destacar a cultura da viola e dos cantadores repentistas como sendo uma expressão tipicamente nordestina e que é bastante apreciada pelo seu povo. Temos ainda dentro destas tradições, os emboladores de côco e os aboiadores.

Os cantadores repentistas como já foram apresentados, cantam em forma de poesia as suas vivências no sertão nordestino, o cantador como sendo um poeta sem nenhuma formação acadêmica, canta aquilo que é de conhecimento dele do cenário nordestino, aquilo que ele viveu, de fato. A cantoria como sendo uma prática sertaneja, reúne a sua volta pessoas que tem a mesma vivência que o poeta cantador. A cantoria se torna um divertimento através dos festivais de viola, em que se apresentam os cantadores, aqueles que praticam a cantoria, e também nas chamadas cantoria pé-de-parede, realizadas nas casas daqueles que são admiradores da cantoria. Sobre a cantoria pé-de-parede como parte de uma cultura de divertimento, Abreu afirma:

A apresentação da cantoria pé-de-parede se constitui em um momento de uma prática cultural de diversão do povo sertanejo e costuma ocorrer em

comemorações de aniversários, casamentos, batizados, bodas de casamento e também aos fins de semana, ou seja, a cantoria fazendo parte de um momento especial do povo sertanejo, pois sabemos que, no que diz respeito à cultura, há essas relações de identificação. (ABREU, 2018, p. 30)

Podemos portanto perceber a partir da citação acima, que a apresentação da cantoria, especialmente a pé-de-parede, se enquadra no campo das culturas de divertimento, cultura que diverte o povo sertanejo, podendo ser essas realizadas em momentos celebrativos, como aniversários, casamentos e batizados, por exemplo.

Os emboladores de côco, como sendo parte dessa cultura de oralidade, se assemelham aos cantores repentistas, onde estes personagens cantam as suas vivências no sertão nordestino, usam de improviso em suas poesias cantadas. De forma semelhante aos cantadores, os emboladores de coco cantam sempre acompanhados de instrumentos, conforme já foi apresentado anteriormente.

Temos também o aboio como sendo uma expressão cultural presente no Sertão nordestino utilizado no momento de juntar os bois. Diferente de outras expressões culturais, como os cantadores repentistas e os emboladores de côco, que utilizam instrumentos musicais como acompanhamento no momento de suas cantorias, os aboiadores realizam o aboio solo, individualmente. Mas ainda apresentam outras características semelhantes ao cantadores e os emboladores de côco, já que utilizam também o discurso oral e o improviso em seu discurso.

Dessa forma, o aboio é tido como um divertimento já que em momentos de comemoração, como a festa da apartação, descrita por Cascudo, há uma reunião de pessoas em volta do aboiar do gado:

O terreiro da fazenda, todo em barro vermelho batido, chapeado por lajes brancas, rebrilhava ao sol forte de Agosto. Das latadas, vinha o burburinho das gentes apinhadas. Uma multidão de vaqueiros encourados de novo, caracolava airosamente. Mocinhas de fita à cintura, de flor ao cabelo negro, olhavam, com o pasmo quieto dos espíritos mansos, para os cavalos suados que pulavam sob a pressão dos acicates. Era dia da apartação. De muitas léguas ao redor, tinham vindo pessoas assistir a festa. (“O Aboiador”, julho de 1920).

Como coloca Cascudo, as pessoas se juntam no local da festa de apartação, nesse caso a fazenda, desde vaqueiros, responsáveis pelo aboio, à mocinhas. Muitas pessoas vinham ainda de longe. Todos estavam ali de olhos atentos àquela festa. Temos portando, o aboio como sendo uma expressão de grande importância para o cenário nordestino.

O que mostramos aqui foi tudo que já foi discutido anteriormente quando abordamos os personagens do campo das tradições de oralidade. O que buscamos com isso, é mostrar a cultura de tradição oral, através dos cantadores, emboladores e aboiadores, enquanto sendo atividades que se enquadram no campo das tradições de oralidade, mas que estão também no campo das diversões, sem deixar de ser as mesmas práticas.

2.4.3 No campo das curas: assistência social, médicos e hospitais

Na década de 1980 São José de Piranhas já apresentava traços de modernidade, mas que ainda não tinha uma presença tão intensa da medicina. Muitas vezes era mais prático se curar em casa, buscando remédio no conhecimento popular, que era a única maneira de assistência que tinham, principalmente em se tratando de uma comunidade rural, onde as condições de acesso a esses serviços (quando se tinha) e as condições de locomoção eram ainda muito precárias.

As pessoas faziam uso daquilo que estava ao seu alcance na tentativa de alcançar a cura, afinal, conseguir um médico, ir até um hospital não era tarefa fácil, ainda se tratando da população mais carente. Assim elas recorrem as chamadas ervas medicinais, ou “remédio do mato” como também são conhecidas.

Alarcon em seu estudo que trata das epidemias que assolavam a Paraíba no período colonial, afirma:

Naquela “era da ciência”, a peste ou suas sucedâneas ameaçavam a tranquila harmonia racional do mundo, e cumpria estabelecer condutas de exorcismos do mal. Tudo parecia ser ao mesmo tempo válido para combater um horror da morte que era continuamente potencializado pela sensação de impotência [...] (ALARCON, 2003, p. 26)

As doenças enfrentadas durante esse período eram muitas, e quando elas vinham, devastavam vilas inteiras, tudo era válido quando se tinha o desejo de combater esses males e combater a morte que tanto causava medo, é então que as pessoas passam a recorrer a religiosidade como meio de tentar sair dessas epidemias.

Algo bastante comum nesses casos quando acometidas de uma enfermidade era recorrer a religiosidade como prática de cura, buscando na reza uma forma de ao menos amenizar certas mazelas que sempre acometia a população. Nesse contexto se fazem importantes as rezadeiras,

detentoras de um grande arsenal religioso de rezas destinadas a combater diferentes doenças. Recorrem a elas uma parcela mais específica da população, geralmente aquelas mais carentes sem recursos econômicos que não possuía meios de ir até o médico. Ou seja, Aqueles que buscam a reza podem ser caracterizadas como pessoas simples, que moram muitas vezes na zona rural onde o médico muitas vezes não chega, e que não apresenta condições de ir até a cidade consultar um médico. Ir ao encontro de uma rezadeiras é as vezes a saída mais prática mais realizável, tanto com relação as facilidades, quanto as chances e possibilidades de cura.

2.5 As rezadeiras como personagens da cultura religiosa

As rezadeiras são agentes religiosos geralmente características da zonal rural, espaço onde se tem traços de uma cultura própria, onde a vida religiosa é vivida de maneira diferente, com características distintas do catolicismo oficial. Elas vivem o catolicismo de uma forma que lhes é própria, adaptado a sua realidade e ao espaço em que estão inseridas, seria o que Araújo (2011) caracteriza como catolicismo popular. Rezam o teço, fazem novena, participam da missa, mas ao que diz respeito as suas práticas, o lugar no qual elas se inserem, é a sua própria casa, mesmo estando ligadas e sendo praticantes de uma religião oficial, suas práticas não se subordinam a um espaço religioso oficial, como uma igreja, por exemplo. Elas fazem uso daquilo que conhecem e da forma como conhecem o catolicismo. Não fazem uso do catolicismo oficial como aquele praticado dentro de uma igreja.

Araújo (2011, p. 64) caracteriza as rezadeiras como sendo: “[...] senhoras que distribuem rezas, estão ligadas ao sagrado e ao profano. Esperam a recompensa divina, mas também contam com o acolhimento das pessoas que procuram as orações e rezas.” Dessa forma, as senhoras rezadeiras podem ser entendidas como aquelas que por terem uma ligação tanto com o sagrado, como com o profano, são responsáveis por realizar uma ligação entre os dois. Através de sua prática, elas constroem assim uma relação de estima com as pessoas que as procuram.

As senhoras rezadeiras estão inseridas em um ambiente social que lhes é próprio da comunidade a qual fazem parte, neste caso a comunidade rural de Caldeirão em São José de Piranhas. Estão sempre em contato com as pessoas que buscam suas rezas como maneira de curar os seus males e por isso, é possível perceber que há entre elas uma certa relação de solidariedade. Elas são reconhecidas dentro desse espaço social pela ação que executam – a reza – e são detentoras de um saber legítimo. Sobre esse reconhecimento, Quintana atesta que

o dom da rezadeira “[...] não pode se sustentar unicamente no reconhecimento da própria benzeira; é necessário que a comunidade onde ela vive também veja nela alguém especial.” (QUINTANA, 1999, p. 82)

Através da fala de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha) ao ser questionada se muitas pessoas ainda hoje a procuram pedindo pra rezar ela relata: “Ainda ontem vei (veio) uma de São Zé de Piranha somente pra benzer. Vei (veio) de casa com a filha pra benzer. Ontem. Uma filha de... de o irmão do marido de Solanea. Vei (veio) ontem pra cá somente pra benzer. Na criança. Saiu de São Zé de Piranhas de casa no carro, ela, o esposo e a filha pra vim benzer. [sic]”⁹

Pode-se perceber a partir do relato de Dona Mocinha, que a rezadeira tem um certo reconhecimento tanto dentro da comunidade que ela está inserida, como em outras localidades. Sendo assim, ser reconhecida pelas pessoas como alguém especial, como alguém que é detentora de um conhecimento e um dom divino, é importante para que a rezadeira se sustente e sustente suas práticas, a sua reza não se sustenta sozinha. Ganhando esse reconhecimento, rezadeira ganha assim um status dentro da comunidade e fora dela. Ela se torna conhecida pela ação que executa, tanto pelas pessoas da comunidade, como pessoas de outras localidades vizinhas.

⁹ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

CAPITULO III: REZADEIRAS DE CALDEIRÃO/SÃO JOSÉ DE PIRANHAS.

3.1 Apresentado as rezadeiras da Comunidade de Caldeirão/São José de Piranhas.

Este capítulo tem a intenção de mostrar de forma mais específica o nosso objeto de pesquisa e nossa abordagem. As rezadeiras da comunidade rural de Caldeirão-São José de Piranhas, com as quais trabalhamos, são mulheres cuja atividade de trabalho estão essencialmente relacionadas aos trabalhos domésticos. São pessoas simples ou como dizem, comuns. Cumprem seus afazeres domésticos, cuidam de sua família e seus filhos. Assim, essas senhoras praticantes da reza, que aqui chamamos de rezadeiras de Caldeirão, não exercem outro trabalho fora do seio familiar.

Em outras localidades da circunvizinhança, podemos perceber a partir de outros estudos como por exemplo, o de Duarte (2014) ao tratar das rezadeiras e rezadores em Santa Helena-PB, que a presença da figura masculina se sobressai como rezador. Da mesma forma que no trabalho de Menezes (2016), no qual aborda os rezadores em Umari-Ce, também aparece em destaque a figura masculina sendo rezador. Na comunidade rural de Caldeirão lugar de nosso estudo temos apenas mulheres como praticante da reza. Podemos então a partir desse ponto, nos questionar, porque nessa comunidade estudada temos apenas mulheres praticantes da reza e não aparece a figura do homem como rezador?

Em seu estudo, Duarte¹⁰ aborda tanto rezadeiras como rezadores e uma parte de suas fontes se apresentam como sendo agricultores e outros como sendo empenhadas apenas na realização de trabalhos domésticos no seio familiar. Da mesma forma, aparecem rezadores no trabalho de Menezes¹¹, no qual ela aborda os rezadores em Umari-Ce, que se identificam enquanto agricultores. Quanto a esse ponto, podemos notar portanto um certo distanciamento tanto entre as rezadeiras abordadas por Duarte, como pelos rezadores estudados por Menezes e as rezadeiras que aqui estamos abordando, tendo em vista que todas elas são apenas domésticas, realizam somente as atividades comuns do lar.

¹⁰ DUARTE, Mauricio Parnaíba. As rezas e os rezadores de Santa Helena-PB (1950-2013). Monografia (graduação) UFCG/CFP.

¹¹ MENEZES, Yslany Moreira de. Rezadores de Umari - CE: entre a tradição e a fé (1970 - 2015). 2016. Curso de licenciatura plena em história – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras

Para apresentar as senhoras rezadeiras que aqui se farão importantes para o desenrolar dessa pesquisa, iniciaremos por Dona Maria Rosa, moradora da comunidade rural de Caldeirão, mas que já residiu também em outras localidades como ela mesma afirma. Residiu em Irecê-BA durante 12 anos, e 6 anos em São José de Piranhas, em sua fala nos relata que onde quer que ela morasse nunca deixou de ser procurada pelas pessoas para rezar. Já apresentando sessenta e seis anos de idade, mora sozinha em sua casa levando assim uma vida solitária. Tem a vida dedicada apenas as atividades domésticas. Demonstra com muita devoção que é praticante da fé católica. Apesar de ser detentora de um grande arsenal de reza destinada a cura das mais diversas doenças, como ela relata, é analfabeta e esse fato ressalta a importância da oralidade para ela na transmissão dessa cultura. Aqueles que a procuram pedindo para ser rezados por ela, nunca a questionaram quanto a suas rezas, talvez por isso no momento da entrevista tenha acontecido um certo estranhamento, o que ocasionou uma certa timidez por parte dela, e isso se comprova a partir de suas falas, mas mesmo assim isso não foi impedimento para a realização desse estudo, pelo contrário, Dona Maria se mostrou bastante contente em poder ajudar. Dona Maria foi a primeira senhora rezadeira que entrevistamos, e a partir da sua entrevista pudemos melhor articular os outros relatos realizados.

Dona Maria Alves Cardoso, conhecida por todos na comunidade como Dona Mocinha, tem setenta e dois anos e sempre residiu em Caldeirão. É praticante do catolicismo herdado de sua família, e isso se percebe quando ela afirma que herdou a prática da reza de seu avô, que era também bastante religioso. Diferente de Dona Maria Rosa, Dona Mocinha demonstra ter uma certa alfabetização, já que em seu relato ela afirma que aprendeu as rezas porque sabia ler um pouco, e entre um afazer e outro, ela ia praticando as orações as quais é detentora, dessa forma percebe-se uma certa diferença entre essas duas entrevistadas na transmissão dessas rezas. Tem a sua vida dedicada na realização das suas atividades domésticas. No momento em que foi procurada para fazer os seus relatos, demonstrou total prontidão em poder contribuir. Nossa entrevista aconteceu em sua casa, numa tarde de quarta-feira e demonstrava em sua fala bastante felicidade em falar sobre sua prática.

Por último temos Dona Maria de Fátima, sessenta e um anos, residente no sítio Caldeirão, recorte dessa pesquisa. Dentre as rezadeiras que aqui abordamos, Dona Maria de Fátima é a única delas que realiza a prática de reza apenas em casos de uma única doença, que é o mal olhado. Pode-se observar no relato de Dona Maria de Fátima uma íntima ligação com a sua religião Católica, sendo participante assídua das novenas aos santos desde muito jovem na casa de seu pai, mesmo que hoje em dia não seja mais tão frequente a sua participação na

igreja, como ela relata em sua fala, devido a enfermidade de seu marido, mas que mesmo assim não deixa de realizar suas obrigações enquanto católica, rezando suas orações e fazendo suas novenas em sua casa. Dentre as rezadeiras que aqui abordamos, essa foi a que começou a praticar a reza por último, à cerca de seis anos, como ela coloca. A reza praticada por essa rezadeira foi repassada a ela por um senhor rezador. Ela, assim com todas as outras rezadeiras aqui abordadas, tem sua vida dedicada somente as atividades comuns a vida doméstica, cuidando de seu marido e filhos.

3.2 Contando as histórias das rezadeiras de Caldeirão, São José de Piranhas-PB

Quando da nossa pesquisa, nas entrevistas realizadas com as senhoras rezadeiras que nos serviram como fonte, foram questionadas acerca de como elas se tornaram rezadeiras, onde pudemos perceber diferenças e semelhanças entre elas. Dona Maria Rosa afirmou que começou a rezar desde cedo, com doze anos de idade, o que se pode perceber que a religiosidade é algo que esteve presente na vida dela desde a infância. Ela relata ainda que quando sentia dor de cabeça, “[...] eu rezava um pai-nosso, uma ave-maria e o creio em Deus Pai e oferecia a Jesus pra tirar aquela dor. Ai a minha fé era muita, e eu ficava boa.” [sic].¹² O que podemos aqui constatar é que a reza praticada por essa senhora rezadeira não é usada apenas em prol das pessoas que a procuram, mas também em benefício próprio assim que apresenta alguma enfermidade, como a mesma afirma. E isso representa a sua íntima ligação com a fé, tendo em vista que o motivo pela qual ela começou a praticar a reza, quando questionada, afirma que foi porque tem muita fé em Deus. A todo momento em sua fala é possível observar o seu discurso acerca de sua fé em Deus.

Dona Mocinha, nossa segunda entrevistada, relata o modo diferente pelo qual começou a rezar: “[...] Talvez meu avô tinha setenta ano e ele me ensino a rezar. Eu... eu es... pegou um pap... eu... eu. Pegou um papel e uma caneta me mando eu... ele rezando eu escrevendo pra ele me ensinou rezar assim, tá entendendo?” [sic].¹³ Percebemos aqui uma diferença de transmissão da reza. Dona Mocinha tem suas orações como herança familiar repassada por seu avô que era

¹² Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

¹³ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

rezador e transmitiu o dom da reza a ela, já idoso. Uma outra diferença é no motivo pelo qual começou a rezar, como relata:

[...] eu nunca tinha benzido, mas um filho meu adoeceu, quase que ele morreu. O Gilberto. Ai eu levei pra Senhora de Adalto rezar. Senhora de Adalto era uma senhora de idade, que é a mãe de Sinval. Ai eu levei meu menino 5 hora da tarde quando eu cheguei lá com ele, ai ela tinha a filha dela Ilda e Chica de Zé Bernardo de São Paulo falaro (falaram) pra mim assim “se esse menino morasse em São Paulo tava internado, porque essa criança tá muito mal”. Ela me levou pra dento o quintal da casa dela pela benzer o meu filho, o jeito que ela benzeu o meu filho eu truxe (trouxe) ele pra casa no oto (outro) dia ele tava bom. Ai depois que eu levei meu filho que ela benzeu que meu filho ficou bom ai eu comecei a rezar. Ai eu rezei no me... no povo chegava e eu comecei a rezar. A primeira pessoa que eu rezei foi um filho meu. Depois rezar no povo. [...] [sic].¹⁴

A partir da fala acima, percebemos que o motivo que a levou a praticar a reza foi uma experiência pessoal ocorrida com ela, que foi a doença de seu filho. Foi portanto por necessidade própria, visando a cura da enfermidade de seu filho, que ela tornou-se rezadeira, somente depois é que ela começa a praticar a reza em outras pessoas da comunidade que a procuravam.

Em seu estudo, Araújo (2011) apresenta rezadeiras que apresentam o dom da reza como algo natural, aprendido sozinho, não tendo sido repassado a elas por outra pessoa. Aqui temos uma diferença entre as nossas entrevistas, já que todas elas trazem a reza como algo ensinado por outras pessoas, seja algo repassado no seio familiar, ou repassado por outra pessoa que já praticava a reza.

Dentre todas as nossas entrevistadas Dona Maria de Fátima foi a única que apresenta a reza como uma prática recente, como ela coloca, “Tá com seis ano. E eu rezo. As pessoa vem pra cá, se pudendo vim pra cá, eu... eu rezo, e se não puder vim, eu vou pra casa da pessoa e rezo, e a pessoa é curada. [...]” [sic].¹⁵ Essa senhora tem a prática como algo recente, mas que não muda o seu papel na comunidade em que está inserida, não perdendo o seu lugar para outras mais experientes. Uma característica que podemos perceber logo no início de sua fala é a solidariedade, quando uma pessoa acometida por certa doença não pode ir à sua procura afim de ser curada, essa rezadeira vai ao seu encontro levando-lhe a cura. Semelhante ao que diz

¹⁴ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

¹⁵ Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

todas as outras senhoras aqui entrevistadas, ela aprendeu a rezar a partir do ensinamento repassado por um rezador.

Nos relatos das rezadeiras, mas acima de tudo nos relatos de Dona Maria de Fátima, podemos perceber ainda mais forte o sentimento de solidariedade exercida por ela através de sua reza. Araújo, trata dessa solidariedade:

Nas histórias de vida das rezadeiras, o sentimento de solidariedade é expresso através do ofício da reza. Rezar significava participar com o outro, compartilhar o dom de Deus com amigos e vizinhos, independente da religião que ela possa seguir ou da cor da pele. Diante de situações socioeconômicas desfavoráveis, as senhoras rezantes atendiam às pessoas que as procuravam e exerciam a solidariedade, porque esse fundamento era importante para o sentimento religioso que possuem. (ARAÚJO, 2011, p. 80)

O sentimento de solidariedade é expresso pelas rezadeiras através do ato de rezar, independente de quem a procure em busca de reza, e essa solidariedade se tem como motivação a religiosidade católica que professam. Em todas as rezadeiras que aqui estamos abordando, é possível perceber esse mesmo sentimento, mas em Dona Maria de Fátima podemos ver como algo mais marcante, tendo em vista que ela além de rezar, ela vai até aquele que precisa da reza, se for necessário.

Araújo (2011) ao analisar as práticas de reza, trata o ato de rezar como sendo um dom natural para algumas senhoras rezadeiras, sem que necessite de alguém que lhe ensine, ou seja, o aprendizado se dá de forma natural, enquanto que outra senhora rezadeira seja tido como algo que ela já estava predestinada antes mesmo de ela nascer.¹⁶ Dona Maria Rosa quando questionada sobre como aprenderam a rezar, com quem aprendeu, ela relata:

Eu... quem me ensinou foi minha mãe o creio em Deus Pai, o Pai-Nosso e a Salve-Rainha e quem me ensinou foi minha mãe e **os otos (outros), oração quem me ensinou foi uma senhora, já idosa, ela me ensinou a reza de ataiá fogo e a reza de ataiá sangue, ela quem me ensinou, essa senhora, ela me ensinou essas oração.** [sic].¹⁷

¹⁶ NUNES, Pedrina Araújo. **SENHORAS DA FÉ: História de vidas das rezadeiras do norte do Piauí [1950-2010]**. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina - Piauí, 2011, p. 70

¹⁷ Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB. (grifo nosso)

Aquelas orações ligadas ao catolicismo, como o Credo, o Pai-Nosso, a Salve-Rainha, foram aprendidas com sua mãe ainda na infância, como ela coloca. Enquanto que as mais diversas rezas destinadas a cura de certas enfermidades foi aprendida com uma senhora já idosa, certamente uma senhora rezadeira que a transmitiu seus conhecimentos sobre reza. Dentre as rezas aprendidas com essa senhora, ela destaca a reza utilizada para ataiar fogo, reza que é utilizada para conter incêndios geralmente em locais onde se encontram animais, como gado, e plantações, por exemplo. Ela relata um acontecido em que ela foi chamada para realizar a “reza de ataiar fogo”: ataiá é uma expressão usada pela narrativa para indicar uma ação de interrupção, quer seja do fogo comum nas comunidades rurais, quer seja a interrupção de sangue em acidentes domésticos e ausência de assistência médica. Vejamos mais sua fala:

Ota (outra) pessoa também... (pode contar a do fogo ~sussurrando~) Ota (outra) pessoa também vei (veio) numa moto me chamando aqui de noite ai me levou prum canto mais distante quando eu chego lá, era um um fogo muito grande... [...] Quando eu cheguei lá, eu fiquei de joelho fiquei de mão em cruz e eu pedi o Senhor Jesus que apagasse aquele fogo... que tinha muito bicho bruto aonde tava o fogo, e ele foi apagando devagar ficou uma brasinha num toco... e eu olhei pra lá e num vi mais o fogo, e o fogo apagou. [sic].¹⁸

Nesse caso, a reza não está destinada a cura de uma doença corporal, como tradicionalmente temos conhecimento, mas uma situação particular, que certamente causa aflição no dono daquela terra que ardia em fogo. A reza muitas vezes pode ser a saída para solução desses casos. É como se estivesse com sua reza, em luta contra forças ocultas e destruidoras.

De forma um pouco semelhante, aparece Dona Maria de Fátima, que aprendeu a reza também com um senhor rezador, como Dona Maria Rosa. Ela relata ao ser perguntada com quem aprendeu a rezar, “Foi o Leoni... Carra... de Carrapateira¹⁹. Não aprendi mais a reza porque ele faleceu, se ele não tivesse falecido as reza dele eu tinha aprendido tudinha. Que ele tinha copiado e tinha me dado.” [sic].²⁰ Aqui se percebe que havia o desejo dessa senhora em aprender outras rezas destinadas a cura de outras enfermidades, além da que ela já reza, mas que não houve oportunidade devido a morte do rezador.

¹⁸ Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB

¹⁹ Cidade localizada a cerca de 4km da comunidade rural na qual aqui abordamos.

²⁰ Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

De forma um pouco dissemelhante as outras rezadeiras estudadas, Dona Mocinha teve a reza como sendo uma atividade repassada no seio da família, de geração em geração, aprendida com o seu avô, um senhor rezador e que era bastante religioso conforme já foi colocado anteriormente. Essa senhora tem a reza então como algo herdado de seu avô, não como algo repassado por outra pessoa sem nenhuma ligação parentesco, como as outras rezadeiras que abordamos. Certamente todo o seu aparato de rezas e orações para os mais diversos males foi aprendido somente com o seu avô, já que ela não cita nenhuma outra fonte de aprendizado, nem mesmo a reza ter sido aprendida de forma espontânea.

Quanto ao período em que começaram a rezar, podemos perceber na fala de Dona Maria Rosa que ela começou a desenvolver uma experiência com a reza desde criança, ao afirmar que ela começou a rezar com apenas doze anos de idade. A religiosidade é portanto, algo que está enraizado na vida dessa rezadeira desde muito cedo, e seja talvez essa, uma das motivações que a levou a praticar a reza, por estar em contato desde cedo com esse mundo religioso, isso acabou causando um encantamento e a fazendo buscar aprender a rezar.

Dona Mocinha afirma que deu início a prática de reza no ano de 1984, até hoje nunca parou de rezar. Ela relata ainda o motivo pelo qual se tornou rezadeira: “Porque o... eu recebi um milagre do... do meu filho. Quando eu vi o meu filho ficar bom, através da reza, eu recebi aquele milagre ai eu comecei. Ai hoje já curei várias criança. Com os poder de Deus (Deus) e a minha minha reza, as oração já curei várias criança.” [sic].²¹ Percebemos aqui que o que levou Dona Mocinha a iniciar a reza, foi parecido com a experiência de Dona Maria Rosa, tendo sido através de uma experiência pessoal, no seu caso a cura de seu filho. Vemos também todo o discurso religioso acerca de sua prática, enfatizado por ela que quem oferece a cura é Deus, a sua reza é apenas um meio de conseguir a cura concedida por Deus.

Diferente das outras rezadeiras, Dona Maria de Fátima tem a reza como uma prática recente, tendo começado a rezar há cerca de seis anos, como já foi apresentado. O que aqui temos de diferente se comparada com as outras, o que nos chama a atenção, é o que a levou a praticar a reza. Ela afirma que o que levou a aprender a rezar, foi “Porque eu tinha vontade de aprender mesmo. Pra eu servir a uma... uma criança, qualquer pessoa que precisar, vim na minha casa e eu rezo.” [sic].²² O fato de ela sempre ter tido o desejo de aprender a rezar, nos

²¹ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

²² Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

chama a atenção porque se distingue da motivação que levaram as outras a aprenderem, não foi algo que aconteceu por acaso, ou de repente, mas foi algo que ela já tinha como desejo, e o motivo desse desejo em aprender, ela relata, é o desejo de servir ao próximo, àquele que necessita. O seu rezar parece ser uma ocupação, uma profissão.

3.3 Em quem rezam: as enfermidades curadas pelas rezadeiras de Caldeirão São José de Piranhas-PB.

Quanto as doenças rezadas por essas senhoras rezadeiras, são a mais variadas conforme pudemos constatar a partir das entrevistas. Dona Maria Rosa quando questionada sobre suas rezas e quais doenças as pessoas se queixam ao procurá-la para rezar, ela destaca um leque de doenças que são abordadas por sua reza: “É... se queixa de dor de dente. Eu rezo e fica bom, dor de cabeça, reza de dor no corpo, dor na coluna, dor que se tiver doendo num pé ((tossido)) eu rezo e a fé é dela que vem é muita, em Deus, e eu tenho mais fé, ai fica bom.” [sic].²³ E elenca as que mais aparecem nesse cenário: “É de... dor na coluna, dor no joelho e de criança é de viado ((mal olhado/quebranto)) e... e vento caído. Vem muito! E dor de dente, vem muito! vem a minha procura, a fé que eles vem de Deus e a minha fé, é curado.” [sic].²⁴

Podemos perceber a partir das falas acima que algumas doenças “tratadas” por essa rezadeira não são comuns de serem tratadas pela medicina tradicional, enquanto que outras, como dor de dente, dor de cabeça, dor no corpo, dor na coluna, por exemplo, são doenças que encontram tratamento na medicina tradicional, mas que muitas pessoas acabam recorrendo a reza afim de alcançar a cura dessas doenças. Aqui nos cabe levantar um questionamento. Por que ainda hoje há espaço para esse tipo de cura, mesmo em casos de doenças tratadas normalmente pela medicina? Rezar em um dente que dói, pode significar impossibilidade material de ir ao dentista com seus próprios recursos e ausência desse serviço como saúde pública. Suposições que se aplica também a um médico de coluna, por exemplo. Quanto custa para o poder aquisitivo dessa gente duzentos e cinquenta reais para uma consulta com um especialista? Além dos gastos de transporte e medicamentos.

²³ Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São José de Piranhas-PB.

²⁴ Idem

De forma semelhante, são também as doenças tratadas pela reza de Dona Mocinha: “Dor... dor de cabeça. Dor nas costa. Mal olhado em criança, que é criança. E adulto é dor de cabeça, dor... dor de... de... de coluna essas coisa. De adulto.” [sic].²⁵ Temos portanto um leque abrangente de doenças rezadas por Dona Mocinha, doenças que também são rezadas por Dona Maria Rosa. Em adulto e em criança, as doenças que mais aparecem que ela destaca são distintas, em adulto é dor de cabeça e em criança, quebrante.

Temos portanto, as mesmas doenças rezadas por Dona Maria Rosa, aparecem sendo rezadas por Dona Mocinha. Diferente dessas duas rezadeiras, Dona Maria de Fátima reza somente em uma enfermidade específica, no caso do mal olhado, diferenciando-se assim das outras senhoras rezadeiras que rezam nas mais diversas doenças que lhe aparecem.

3.4 Como rezam: o que usam em suas rezas.

De acordo com Araújo (2011):

Ao longo da benção, as plantas possuem a função de expurgar a doença do corpo da pessoa; para algumas rezadeiras, servem também para fabricar os chamados remédios caseiros. Há uma diversidade de plantas utilizadas pelas senhoras, mas existe as preferências que variam de rezadeira para rezadeira. (ARAÚJO, 2011, p.105)

A prática da reza em si carrega todo um aparato de simbologias e crenças, dentre essas simbologias destacamos o uso do ramo, que mesmo não sendo algo fundamental no ato da reza, é algo que todas as rezadeiras que aqui abordamos utilizam ou senão, já utilizaram.

Dona Maria Rosa, afirma que hoje em dia ela não tem o ramo como algo essencial, como ela destaca: “Assim, de primeiro eu rezava com o ramo, mas agora não, eu rezo com a mão, porque Jesus butano... bota a mão e eu com a minha mão, a mão de Jesus cura.” [sic].²⁶ Percebemos que o ramo pode ser substituído por algum outro material, ou símbolo religioso, mas que nesse caso, ela utiliza somente a mão. Mas mesmo assim, quando perguntada ela

²⁵ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

²⁶ Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

destaca alguns dos ramos que geralmente ela costumava utilizar: “Era... tinha! tinha! Era... como é o nome do ramo, meu Deus? Aquela que tem uma fulôzinha... **Muçambê!** Que tem a fulôzinha branca.” [sic].²⁷ Destaca ainda outros: “É o mais usado é o **pinhão roxo**. É o pinhão roxo e o... e o... e **três galha de arruda** também é muito bom também.” [sic].²⁸ Discurso semelhante apresenta a Dona Maria de Fátima ao destacar o pinhão-roxo como sendo o ramo mais indicado para a prática, mesmo não descartando o uso de outros ramos, e justificando a sua escolha, “Porque ele tira todos os mal. Todo... todas coisa ruim o pinhão-roxo é bom pra rezar, porque... pra tirar todo os mal da... da criança e de toda pessoa que a pessoa reza, a pessoa tem que rezar com pinhão-roxo.” [sic].²⁹

Percebemos o leque de possibilidade na utilização de plantas nessa prática, mesmo que Dona Maria Rosa não utilize hoje em dia esses ramos, é algo que para outras é importante a sua utilização, como para Dona Mocinha, que coloca: “Tem o **muçambê**, de primeiro mas como não existe mais o muçambê a gente pode pegar **três gain de seriguela**, que é um gat... um mat... uma mato verdinho, pode benzer.” [sic].³⁰ Portanto, na ausência de uma planta que costumava ser utilizada, pode ser substituída por uma outra, como já colocado, isso varia muito de rezadeira para rezadeira. Enquanto que em algumas é utilizado uma planta específica como o pinhão-roxo, porque é capaz de tirar todos os males, Dona Mocinha opta por uma planta mais comum, que é a seriguela. Aqui podemos constatar que um ramo utilizado por Dona Mocinha, e que é o mesmo que era utilizado por Dona Maria Rosa em sua reza, no caso do muçambê, mas que hoje não é utilizado mais, sendo substituído por seriguela.

É comum que sejam invocados na reza alguns santos da Igreja Católica, pedindo sua intercessão para que enfim a cura de tal enfermidade seja alcançada. Cada doença é exigida uma oração diferente, e conseqüentemente um santo diferente é invocado, pedindo a sua intercessão durante o ritual de cura, podendo aparecer em uma oração mais de um santo, como é o caso da reza para mal olhado praticada por Dona Maria de Fátima: “Sagrado Coração de Jesus, Marta (Santa Marta), São Sebastião e Nossa Senhora do Desterro.” [sic].³¹ Em nossas entrevistadas pudemos perceber uma discrepância quanto aos santos invocados por todas as

²⁷ Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB. (grifo nosso)

²⁸ Idem (grifo nosso)

²⁹ Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB

³⁰ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB. (grifo nosso)

³¹ Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB

rezadeiras aqui abordadas. Dona Maria Rosa, quando perguntada sobre os santos invocados ela destaca: “**Eu invoco São Francisco, pra ele interceder ao Senhor Jesus.** Por aquela pessoa que... por aquela oração que eu tô rezando, pra ser aculhida (acolhida) no colo do Senhor Jesus.” [sic].³²

Dona Maria Rosa destaca apenas São Francisco como santo invocado, em sua fala ela não especifica em qual tipo de reza ela invoca São Francisco como intercessor, ou se em todas as rezas praticadas por ela São Francisco aparece sendo invocado, diferente de Dona Mocinha:

São Pedro (São Pedro), que é o São Pedro (São Pedro) ando co... com **São José...** que São José que botaram olhado em São... São José... em São José... São José não podia ir a viagem, Nosso Senhor rezou em São José e São Pedro (São Pedro) perguntou que tanto porque São... Jesus demorou tanto. E Jesus per... respondeu pra São Pedro (São Pedro), que ele tava curando olhado e quebrante e olhos excomungado. Tá entendendo? [sic].³³

O que é interessante nessa fala da senhora rezadeira é que ela destaca além do santo invocado, a doença pela qual ela o invoca no ato na reza, e ainda mais segue relatando uma espécie de “história”, justificando assim o motivo pelo qual aquele santo é invocado, no caso de São Pedro, diferenciando-se da reza de Dona Maria Rosa.

Tanto Dona Maria Rosa como Dona Mocinha e Dona Maria de Fátima tem a prática da reza como algo presente em suas vidas há um certo tempo, mas as suas orações e seus rituais são algo estático, que desde que começaram a praticar não apresenta nenhuma mudança, como elas mesmas afirmam. Dona Mocinha afirma: “Mudou não. A reza de quebrante é a mesma coisa, de dor de cabeça é a mesma coisa comecei a rezar em oitenta e... em oitenta e quatro...” [sic].³⁴ Vemos que desde 1984 quando começou a rezar, até hoje as rezas são as mesmas, não apresentando nenhuma mudança significativa, apenas a mudança de ramo.

Algo interessante que aparece na fala de Dona Maria Rosa quando é perguntada sobre o que precisa para rezar e que se faz importante aparecer, porque é algo que não aparece na fala das outras rezadeiras entrevistadas. Vejamos a sua fala: “Eu rezo primeiro a oração pra Jesus

³² Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB. (grifo nosso)

³³ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB. (grifo nosso)

³⁴ Idem.

perdoar os meus pecados. Pra depois eu rezar nessa que vem a mim.” [sic].³⁵ A partir desse discurso, podemos sugerir que essa invocação de pedir primeiro o perdão de seus pecados seria um rito de iniciação, ou mesmo de purificação, para que somente depois se reze naquele que precisa da cura.

Outros dois relatos também que muito nos chamou a atenção na fala de Dona Maria Rosa fatos que nos traz certa especificidade quando comparada com outras rezadeiras que abordamos aqui, um deles foi ao relatar um caso em que ela foi procurada para rezar para que a pessoa reatasse o seu noivado, e outro onde a esposa a procurou pedindo pra rezar para seu marido parar de beber, vejamos:

Tava noiva pra casar, e ela vei (veio) me pedi ajuda... ai disse, quem sou eu pra te ajudar... mas tenho fé na senhora, que se a senhora fize (fizer)... rezar uma oração, meu casamento vai voltar. Eu digo, pois de hoje a oito ((dias)) você venha aqui... Ai eu pedi ao Jesus, “Senhor se for um noivo pra ela, pra casar e viver bem, que Jesus amostré (mostre) o motivo”, e Jesus amostrou (mostrou)... era uma amiga dela, que tava sendo falsa a ela, ai ela descobriu, ai! ela vei dar os agradecimento, que Jesus dê muitos ano de vida e saúde, paz e amor a senhora, que eu salvei o meu noivo, e eu vou casar. [sic].³⁶

Teve uma... vou contar primeiro o da mulher. Uma mulher ligou pra mim do Rio de Janeiro pedindo socorro pro esposo dela, que ele bibia (bebia) cachaça e usava droga... E eu fiz uma novena da mão ensanguentada de Jesus nove dia e graças a Deus ele tá ino (indo) pra reunião e graças a Deus foi pro trabalho, já tá com mês que ele nem bebeu e nem saiu mais só vai sair de casa pro trabalho e Jesus curou ele com a fé que a mulher pediu pra mim e a fé que ela teve e a minha fé que eu pedi a Jesus das mão ensanguentada de Jesus curou ele, ele não bebeu mais. [sic].³⁷

Nestes dois relatos podemos observar que a rezadeira ela não é procurada apenas com a finalidade de curar doenças, como mal olhado ou quebrante, por exemplo, mas também afim de resolver problemas conjugais comuns do dia a dia, como uma separação ou o alcoolismo, como apareceu acima. Araújo aborda uma situação parecida apresentada por uma rezadeira, assim ela justifica: “As pessoas procuram por que, como também a própria senhora, acreditavam que a reza não servia somente para o corpo, mas também para alma e para a solução de infortúnios presentes na vida das pessoas que se encontravam em momentos de provação.” (ARAÚJO, 2011, p. 113). Temos portanto o fato de pedir reza não somente para uma doença

³⁵ Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

³⁶ Idem

³⁷ Idem

ou enfermidade, mesmo não aparecendo na fala das outras rezadeiras fontes desse estudo, como algo normal, tendo em vista que observando a fala de Dona Maria Rosa, o que a pessoa pede é que seja feita uma prece, que é atendida por ela rezando uma novena.

Um outro ponto que aparece, importante de ser destacado é o fato de ela pedir que a pessoa volte para rezar novamente depois em outros dias. O fato de pedir pra voltar mais de uma vez para rezar, é algo comum no mundo da reza, e isso aparece também em outros estudos, como o de Araújo (2011), em suas rezadeiras abordadas é pedido para que a pessoa volte três vezes a rezadeira para que alcance a cura. Araújo sugere que as três vezes rezada esteja relacionada a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo): “O número três no catolicismo popular tem uma relevância muito forte, pois está sempre relacionado à Santíssima Trindade.” (ARAÚJO, 2011, p. 103)

No segundo relato pode-se observar que a pessoa que pediu a Dona Maria Rosa para rezar para seu marido deixar de beber, a pediu por telefone do estado do Rio de Janeiro, sem a necessidade de que a pessoa esteja frente a frente com a rezadeira. Isso é algo importante porque não é algo que aparece apenas no discurso de Dona Maria, mas também de outras rezadeiras que aqui abordamos, mostrando assim a não necessidade da utilização obrigatória do ramo. Assim, a reza e a fé ultrapassam os limites espaciais, não importando a distância entre a pessoa que reza e aquela que vai receber a reza, o importante é ter fé para que a cura seja alcançada.

3.5 Em quem rezam

Quando questionadas sobre de onde eram as pessoas que as procuravam pra rezar, parece então um grande número de localidades de onde as pessoas vem em busca da reza dessas senhoras. Dona Maria Rosa destaca os lugares de onde essas pessoas vem:

Vem gente de longe. Lá do outro lado, vem gente de Carrapateira, vem gente de onde Fia mora, a agência de saúde. Vem da Picada. Gente de São Zé de Piranha (São José de Piranhas), que liga pra mim e pede ajuda, pra mim rezar. Gente de Pombal, pede pra mim rezar e ai eu volto a ligação no oto (outro) dia e disse que miorou (melhorou). Gente de São Paulo, que manda, liga pra mim

pedindo pra eu rezar e fica boa. A fé é quem cura! Ela... a pessoa que pede a mim tem fé, e a minha fé trevesa (atravessar) montanha. [sic].³⁸

Podemos observar que as pessoas que a procuram não são somente aquelas residentes na comunidade na qual ela está inserida, mas de outras comunidades rurais, bem como de outras cidades, lugares que se tem hoje a facilidade de um contato com a medicina tradicional, mas que muitas pessoas ainda preferem recorrer as rezadeiras. Vejam que suas rezas tem um alcance significativo indo desde a comunidade rural de Caldeirão, até mesmo outras cidades como Carrapateira, São José de Piranhas, Pombal, comunidades rurais como a Picada, e até mesmo São Paulo, por meio de uma ligação telefônica.

Algo também bastante importante é o fato de algumas pessoas voltarem a ela com sinal de gratidão, agradecendo a ela pela cura alcançada, mostrando assim a importância que as pessoas dão a esses agentes, que são as rezadeiras. Novamente nessa fala aparece o relato de alguém que ligou de outra cidade pedindo pra rezar, confirmando aquilo que já foi apresentado anteriormente. Com isso ela é perguntada se para ser rezada, a pessoa precisaria necessariamente estar frente a frente com ela para pode receber a reza, ela relata:

Não! não. Se você tiver, fazer a comparação, se você tiver em São Paulo, você ligar pra mim, dizer “Maria, eu tô aqui com dor de dente, ou dor de cabeça, qualquer dor, reze em mim.” Eu rezo! A sua fé que você pediu a reza, Jesus vai lá e toca a mão. Eu rezando aqui e ele com a mão lá tocando, porque a minha fé, ele toca a mão e, e fica bom. [sic].³⁹

Percebe-se na fala desta rezadeira a solidariedade exercida por ela através de sua reza, o querer ajudar mesmo não estando próximo a pessoa que vai ser rezada afim de que ela alcance a cura da enfermidade.

De forma semelhante aparece no relato de Dona Mocinha ao especificar de onde são as pessoas que a procuram pra rezar: “São de Bom Jesus, da Picada, das Aroeira, de Pau Ferro, Bom Jesus, de... de Cajazeiras já vei gente, São Zé de Piranha (São José de Piranhas)... do Peba, Pinheira, Riacho do Mei (Riacho do Meio).” [sic].⁴⁰ Percebemos também que a procura se dá

³⁸ Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

³⁹ Idem

⁴⁰ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

não somente pelas pessoas da comunidade rural na qual essa senhora está inserida, mas também de outras localidades vizinhas, inclusive de outras cidades, como São José de Piranhas e Cajazeiras. Ela relata ainda:

Procura! Muita gente! Ainda ontem vei (veio) uma de São Zé de Piranha somente pra benzer. Vei (veio) de casa com a filha pra benzer. Ontem. Uma filha de... de o irmão do marido de Solanea. Vei (veio) ontem pra cá somente pra benzer. Na criança. Saiu de São Zé de Piranhas de casa no carro, ela, o esposo e a filha pra vim benzer. [sic].⁴¹

Aqui temos um relato específico de uma pessoa vinda de São José de Piranhas apenas com a intenção de rezar em sua filha. A senhora rezadeira em sua fala ressalta que a vinda até a sua casa tem o intuito unicamente de benzer, atestando assim a crença das pessoas em suas orações. Segue um outro relato: “Justamente esse pessoal da daí do Poço Vermelho que vinha benzer nas criança, benzero (benzeram) já vei (veio) delas me agradecer porque a criança ficou curada. Outra mulher de que vei (veio) de... de São Zé de Piranha, ela vei (veio) pra benzer e ela me viu lá me agradeceu, que ficou boa com os puder de Deus e a minha oração.” [sic].⁴² É possível notar que muitos daqueles que vem em busca da reza dessa senhora rezadeira, acaba voltando para lhe agradecer quando a cura é alcançada, assim como também aparece no discurso de Dona Maria Rosa, podendo ser entendido como algo comum nesse mundo das práticas de cura.

No caso de Dona Maria de Fátima, nossa outra entrevistada, não é diferente. Há pessoas de outras localidades que a procuram pedindo para rezar: “Gente do Bonfim, aqui do Caldeirão.” [sic].⁴³ E ainda, “De Carrapateira.” [sic].⁴⁴ As pessoas que a procuram são de diversos lugares, são esses, os mesmos lugares que aparecem nas falas de nossas outras rezadeiras, diferenciando-se apenas na quantidade destes, tendo essa rezadeira uma procura menor se comparada as outras rezadeiras entrevistadas.

⁴¹ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

⁴² Idem.

⁴³ Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB

⁴⁴ Idem

3.6 A importância das rezadeiras da comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas-PB na atualidade

Conforme foi discutido no decorrer deste capítulo, é possível compreender ainda a recorrente busca das pessoas pela reza como fonte de cura para os mais diversos males, mesmo havendo hoje em dia a presença cada vez mais acentuada da medicina, tanto nas cidades como nas zonas rurais, que mesmo não havendo a presença ativa do profissional de saúde, as condições para se chegar aonde o médico está, não é aquelas mesmas apresentadas em 1980, por exemplo. Não há uma grande queda, pelos menos aparente, na busca pelas senhoras da comunidade rural de Caldeirão que ainda hoje praticam a reza. Pelo contrário, o papel exercido em sua comunidade que está inserida enquanto agente religioso é tido por algo de grande importância pelas pessoas da comunidade, sendo sempre recorridas para cura dos mais diversos males.

Dentre as nossas rezadeiras que aqui estamos abordando, em seus discursos percebemos que somente em Maria Rosa há uma certa aversão por algumas pessoas à sua prática, de pessoas da comunidade que não acreditam em suas rezas e tem assim um certo preconceito quando a sua procura. Ela relata isso ao ser perguntada se encontrou e se ainda continua encontrando alguma dificuldade de aceitação, ela descreve:

Encontra até hoje, ainda encontro. Tem gente que diz que num tem fé na minha reza, que tem fé na reza de ota (outra) pessoa. Tem! tem muitas. Tem muitas que já me chamou até de, de Macumbeira, já me chamou. Mas essa pessoa que me chamou assim, já vei (veio) a mim e, e foi procurar a mim era essa mesma pessoa que falou isso ai, vei (veio) a mim, duma dor de dente. [sic].⁴⁵

Ela segue o relato:

Ele... ele dizia que num acreditava, mas a mulher dele tinha tanta fé na minha reza que ele vinha... não vinha, quem vinha era ela, e agora quem vem é ele, mais ela pra rezar. Até o ramo ele vai buscar. Porque ele num acreditava e hoje ele tá acreditando duma dor de dente que deu nele, que eu rezei, ele dormiu sem janta. Eu rezei nessa... nesse dente e até hoje esse dente num doeu mais, e nem dói, que Deus é poderoso. [sic].⁴⁶

⁴⁵ Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São José de Piranhas-PB.

⁴⁶ Idem

Dona Maria Rosa relata algo que foi desconfortável para ela, que foi ser chamada de macumbeira. Mas que foi superado, já que atualmente a pessoa que assim a chamou frequenta a sua casa afim de ser rezado, justamente devido uma cura alcançada por ele de uma dor de dente, como aparece no relato dessa senhora.

Enquanto que as nossas outras duas entrevistadas relatam que não encontraram em momento algum nenhuma dificuldade, seja de aceitação ou de outro tipo. Tanto Dona Maria de Fátima, como Dona Mocinha atestam que para aprender tiveram o auxílio da escrita, e com isso não encontraram dificuldades: “Não! A dificuldade que eu... que eu sentia era porque eu num... num sabia da reza, mas agora eu aprendi, agora serve pra mim, serve pra todo mundo, precisando de mim se não vim... puder vim na minha casa, eu vou na casa dela, rezo e a criança fica boa.” [sic].⁴⁷ Dona Mocinha afirma quando questionada acerca das dificuldades: “Eu num encontrei porque eu sabia ler um poquin (pouquinho) eu peguei a oração, que era escrita pela numa caneta e era lutano (lutando) e rezando aquela oração. Ai graças a Deus, desde oitenta e quatro que eu rezo e ainda num errei nenhuma vez nenhuma palavra. Sei rezar normalmente.” [sic].⁴⁸

Dentre todo o simbolismo que está presente na reza que aqui já abordamos através da fala de todas as entrevistadas, um outro se faz importante de ser ressaltado e aparece na fala de duas de nossas senhoras rezadeiras, Dona Mocinha e Dona Maria de Fátima, esse simbolismo diz respeito a transmissão das orações que elas praticam. Vejamos o relato das duas rezadeiras quando em momento de gravação das entrevistas :

Lucas – Certo! A senhora poderia contar como é que a senhora reza pra quebrante, qual a oração que a senhora faz?

Dona Mocinha – Se pode contar?

Lucas – Sim.

Dona Mocinha – Pode!

Lucas – Pois fale ai pra gente.

Dona Mocinha – Aí... fica, num pode. Ela pode ensinar assim pra outra e fica ensinando pra outra pessoa não, passando pra outra pessoa.

⁴⁷ Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB

⁴⁸ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

Lucas – Então a senhora tem esse costume de que não pode ensinar pra outra pessoa?

Dona Mocinha – Não pode pra qualquer pessoa!

Lucas – Ah, então tá certo! Então a senhora prefere não falar?

Dona Mocinha – É... é. prefiro falar a reza assim como eu tô te falando. [sic].⁴⁹

Lucas – A senhora já pensou em ensinar as rezas para alguma pessoa?

Dona Maria de Fátima – Não. Num posso ensinar não. Porque já foi ensinada, se eu ensinar, nem serve a reza nem serve pra ela e nem serve pra mim. [sic].⁵⁰

Podemos perceber na fala de Dona Mocinha que há uma certa resistência de sua parte em não contar a oração para o que chama de mal de quebrante. De início ela falou que poderia contar a reza, mas depois volta atrás perguntando se depois não ficaria ensinando para outra pessoa a partir da gravação. Tanto em Dona Mocinha como em Dona Maria de Fátima, o que justifica essa relutância em não poder contar, é que a sua oração perde o poder, ou deixa de servir, como coloca Dona Maria de Fátima. Esse fato não é algo exclusivo destas duas rezadeiras que abordamos, assim também aparece em outros estudos, como no de Araújo (2011) trazendo que se houver o repasse da reza, a rezadeira perderia o seu dom e deixaria de servir a Deus.⁵¹

Enquanto que as duas rezadeiras afirmam que não poderia contar como era uma de suas orações devido a simbologia de que, a reza deixa de servir, Dona Maria Rosa nos apresenta o que seria a oração que ela utiliza para rezar em uma pessoa acometida por mal olhado:

Ai eu eu rezo assim, eu peço assim "Senhor Jesus tu sois misericordioso, eu tô te pedindo cura essa criança. Quando a mãe dele for dar dicumer pra tirar essa essa essa... qualquer coisa que ele tiver sentino que Jesus sabe o que é e eu não sei, mas a fé que eu tenho em tu Senhor ele vai ser curado quando a mãe dele for dar dicumer a ele, ele vai receber a cumida que Deus é maravilhoso, Deus Deus Deus tem puder eu tenho fé em tu Senhor Jesus. Tira Senhor Jesus essa enfermidade dessa criança que não é dele, não pertence a

⁴⁹ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

⁵⁰ Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB

⁵¹ ARAÚJO, 2011, p. 118

ele com o poder do Senhor Jesus... ess... você vai ser curado em nome de Jesus." [sic].⁵²

Vemos nesse trecho de sua oração para quebrante ou mal olhado, que ela não pede a intercessão de um santo específico, como Dona Maria de Fátima e Dona Mocinha, mas o pedido da cura é feito diretamente a Deus, aparecendo apenas o nome de Senhor Jesus e Deus, justificando assim que quem concede a cura através de suas rezas, é Deus, através de sua fé enquanto rezadeiras, somada a fé daquele que a procura.

Outro ponto importante possível de análise que aparece na fala dessas senhoras rezadeiras, é quando foram perguntadas se as pessoas costumam pagar pela reza. Todas elas responderam que não recebiam nada para rezar, vejamos o que responde Dona Maria de Fátima: “Não. Eu num... num vou vender a palavra de Deus. A palavra de Deus num é... num é mercadoria pra pessoa vender. Eu não vendo a palavra de Deus.” [sic].⁵³ E Dona Mocinha: “Não. Graças a Deus num pagam porque eu num quero. Não que eu nunca quis nada de reza. Nunca cobre nada de reza. Graças a Jesus.”⁵⁴ Essas duas rezadeiras apresentam um discurso de que a reza não pode ser cobrada, porque ao cobrar, elas estariam vendendo a palavra de Deus, o que para elas não seria algo correto. Discurso semelhante apresenta Dona Maria Rosa, mas que de certa forma foge um pouco do discurso das outras rezadeiras:

Lucas - As pessoas costumam... é... pagar pela reza?

Dona Maria Rosa - Tem veiz (vez) que eles quer pagar, mais eu não recebo que a palavra do Senhor quando ele andava no mundo não era cobrada.

Lucas - Unhum...

Dona Maria Rosa - Eles curava e não queria... eu nem fico. Só tem uma reza que a pessoa dá e a gente dá a outra pessoa, é a reza de espinhela caída e peito aberto... única coisa que a recebe, eu num recebo dinheiro, só recebo alimento, mas eu não como eu dô (dou) ôta (outra) pessoa. [sic].⁵⁵

⁵² Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em julho de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

⁵³ Narrativa de Maria de Fátima Rosa. 61 anos. Entrevista realizada em junho de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB

⁵⁴ Narrativa de Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha). 72 anos. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

⁵⁵ Narrativa de Maria Rosa. 66 anos. Entrevista realizada em novembro de 2018, em sua residência, no Sítio Caldeirão, São Jose de Piranhas-PB.

A diferença que percebemos aqui é que mesmo havendo da parte dessa senhora a opinião de que a reza não deve ser cobrada, porque quando Jesus andava no mundo ele não cobrava pela palavra, há uma oração específica que há uma contribuição que é dada pela pessoa rezada, mas não em dinheiro, e sim em alimento, mas que não é consumido por ela, há a doação daquele alimento recebido para outra pessoa, certamente mais necessitada, o que se torna possível perceber a solidariedade dessa senhora. Sobre isso, relata ainda Araújo:

[...] refazer os atos de Cristo assim como quando ele andou pelo mundo curando os doentes, é uma motivação do ofício na vida das senhoras. Portanto, rezar nas pessoas para curá-las de seus males é ritualizar as curas de Cristo, é ao mesmo tempo também saber que se possui o dom e que é preciso reparti-lo com outras pessoas. (ARAÚJO, 2011, p. 100)

Portanto, cobrar por suas rezas além de não ser algo que para elas seria aceitável, é algo que se aceitassem, estaria vendendo a palavra de Deus, ou fazendo o contrário daquilo que Cristo fez quando “andou no mundo”.

Como podemos perceber ao longo desse trabalho, embora se possa dizer que o conjunto da reza praticado por essas senhoras rezadeiras faz parte de um campo do catolicismo popular, e não somente ao campo do catolicismo institucional, também remete ao campo de outras religiões, como as práticas indígenas e as crenças africanas, por exemplo, que já utilizavam as rezas desde o período do Brasil Colônia. Como afirma Araújo:

“Os curandeiros ou curandeiras eram procurados para resolver problemas da vida dos indivíduos, isso os caracterizava como *agentes religiosos* importantes no cotidiano da Colônia, ou então benevolentes divinos que possuíam todo o conhecimento empírico religioso adquirido de seus ancestrais.” (ARAÚJO, 2011, p. 99)

Vemos portanto, que a figura da rezadeira é algo que está presente e que tem uma significativa importância na vida das pessoas na comunidade que está inserida desde o período colonial. Podemos dizer que a rezadeira está para a sua comunidade, como o pajé está para as comunidades dos indígenas, por exemplo.

Tudo leva a crer que pelo menos no campo dessa pesquisa, não há conflito e tensão entre as autoridades religiosas e aquilo que elas exercitam invocando os rituais católicos em seus rituais de reza que exercitam, mesmo que não seja um ritual autenticamente católico e bem visto

pela Igreja e suas autoridades eclesiásticas. Ou seja, mulheres como essas em tempos anteriores já foram perseguidas, tidas como bruxas, porque ousavam agir com uma prática que era desautorizada pela igreja. Somente devia ter autoridade para falar de coisas da fé, da crença católica, os padres, as pessoas da igreja. Os leigos durante muito tempo estiveram desautorizados a falar em nome ou usar alguma coisa ligada ao catolicismo, pois isso remetia a bruxaria, remetia a pecado, remetia a afronta. Mesmo que a Igreja não possua algo por escrito que proíbe o uso dessa práticas, por muitos religiosos e fiéis ainda é tido como algo que não tem ligação nenhuma com o catolicismo romano.

Através de tudo que aqui foi abordado, podemos perceber que mesmo em pleno ano de 2019, em que têm-se a presença da medicina com melhores condições de ser buscada, muitas pessoas ainda hoje recorrem a rezadeira como fonte de cura para doenças comuns, algumas delas tratadas geralmente pela medicina tradicional, como uma simples dor de dente, por exemplo. Podemos perceber ainda que essa prática surgiu em um período em que o cotidiano das pessoas estava cercado pela religiosidade, e que as pessoas viam a fé como saída para a cura, um período em que não se tinha o médico como temos hoje, ainda há espaço para essa prática nessa comunidade e na região, como foi colocado.

Podemos portanto levantar um questionamento que se faz importante. Por quê que essa prática ainda resiste? Temos a presença da medicina, mas o que podemos aqui destacar é que não podemos facilmente recorrer a um médico. Pagar uma consulta, que muitas vezes apresenta um valor não muito acessível, ir para as filas, esperar, sair de uma comunidade e ir até uma cidade distante, muitas vezes não torna os serviços tão acessíveis assim. É muito difícil ainda para a maioria da população, até da cidade, principalmente aqueles mais pobres, quanto mais aqueles das comunidades. Acreditamos que as condições de vida das pessoas, a exemplo da comunidade aqui estudada, são pessoas que vivem basicamente da agricultura e programas do governo de assistência aos mais pobres, que apesar de ter a presença do médico, recorrer a ele, mesmo com algumas facilidades oferecidas, não é algo fácil. Aqui supomos ainda que a permanência dessa prática pode ser entendida como tendo uma questão de necessidade econômica, mas também de preservação de tradições, costumes e crenças.

Com esse estudo, pretendemos contribuir para a historiografia da cultura religiosa local, tendo em vista que não é um tema muito abordado na região, e principalmente pela falta de uma escrita historiográfica acerca das tradições de oralidade e de crenças de cura na comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas-PB, esperamos assim, estar contribuindo para a construção de uma história local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou as rezadeiras e suas práticas de reza e curas na região sertaneja de São José de Piranhas, mais precisamente a comunidade rural de Caldeirão, buscando compreender as permanências dessa prática e os sentidos que a ela são atribuídos, principalmente pelas pessoas da comunidade na qual estão inseridas.

Iniciamos no primeiro capítulo fazendo uma abordagem da História Cultural, a partir do conceito trabalhados por Burke (2000) e Barros (2003). Assim, pudemos constatar que é a partir do surgimento da História Cultural que estudos como esse, que abordam uma prática cultural através da oralidade, se tornou possível de serem realizados.

Durante muito tempo, as fontes orais não foram consideradas fontes possíveis de estudos historiográficos, porque para muitos historiadores, como os positivistas, estas não podiam ser consideradas fontes válidas. Depois da abertura do campo historiográfico esses estudos através do discurso oral passa a ser tido como válido. Com o uso da história oral, o historiador trata as suas fontes através de coleta de relatos de fatos vivenciados pelas pessoas, o que faz da História Oral um método de pesquisa. Por utilizar a oralidade como metodologia de nossa pesquisa, acabamos por consequentemente abordar também a memória, já que o discurso oral está intimamente ligado a memória.

Mesmo com todo o investimento com a catequização feita pelos portugueses, não houve de fato, uma conversão verdadeira dos índios e negros africanos. Por mais que tivessem aderido ao catolicismo, eles continuavam a realizar as práticas comuns a sua religiosidade, cultuando seus deuses e vivendo experiências de crença distintas do padrão oficial, enquadradas no que se conceitua como catolicismo popular. É portanto dentro desse cenário religioso de práticas de cura que se inserem as rezadeiras, objeto central de estudo dentro deste trabalho.

As práticas de cura surgem no Brasil desde o período colonial, e são comuns até os dias de hoje em que o adoecer é muito presente na vida das da maioria da população e para quem as maneiras de cura são escassas. A medicina como política pública, até hoje não é capaz de chegar a todos os lugares, e principalmente em se tratando de regiões rurais onde até mesmo as condições de locomoção são precárias. É portanto em locais com essas características que surge a figura da rezadeira, sendo tida como fonte de cura para as mais diversas enfermidades.

Por muitas vezes, algumas epidemias assolaram regiões do nordeste, principalmente a região dos sertões. Essas epidemias afligiam vilas e povoados inteiros, dizimando boa parte da população. Na falta de uma medicina atuante, que sirva para curar as doenças enfrentadas pela população, a mesma passa a recorrer aquilo que lhes é comum do dia a dia, que é a sua fé ligada a sua religiosidade cristã. Como fonte de cura as pessoas passam a rezar, pedindo a Deus a cura, e é a partir desse fato que podemos observar a junção entre religiosidade e um conhecimento cultural.

As rezadeiras abordadas neste trabalho, são praticantes desse catolicismo popular, são senhoras que estão inseridas desde cedo em um mundo religioso tipicamente rural, no qual é possível perceber através daquilo que foi relatado por elas que elas são participantes assíduas das práticas religiosas católicas, mesmo que suas práticas excedam os lugares sagrados da fé.

No segundo “São José de Piranhas no tempo: tempos de rezadeiras”, mostramos São José de Piranhas e um pouco de sua história, afim de apresentar territorialmente as práticas que aqui estudamos da comunidade rural de Caldeirão, em São José de Piranhas-PB, enquanto o espaço onde as rezadeiras estão inseridas. Um espaço portanto, marcado por tradições culturais de oralidade das mais variadas. Aqui destacamos a cantoria praticada pelos cantadores de viola, onde estes são figuras típicas de um Nordeste, e estes cantam exatamente o Nordeste e suas vivências sejam alegrias ou tristezas, ligadas a seca e todas as situações existentes nesse espaço. Cantam as suas vivências, como não são pessoas letradas, cantam aqui que conhecem, aquilo que viveram, e o seu público assim como os cantadores são de vivências típicas nordestinas e sertanejas.

Dentre tantas outras práticas culturais de oralidade, temos ainda os contadores de história e os aboiadores, buscando mostrar como essas práticas são tidas pelo povo não somente como uma prática de cultural de oralidade importante para cenário sertanejo, mas principalmente é tido como algo dentro do campo de uma cultura de divertimento presente na vida do povo em momentos de importantes comemorações, como é o caso da cantoria, que é bastante apreciada pelo povo em festas de aniversário e casamento, por exemplo.

No terceiro e último capítulo, “rezadeiras de Caldeirão/São José de Piranhas” começamos montar a história das rezadeiras da comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas-PB, através da análise das falas gravadas em entrevistas em que contam também um pouco de sua história. Em suas falas pudemos observar que a religiosidade em todas as senhoras rezadeiras se deu desde a sua infância, e é essa religiosidade fixada desde cedo que deu base e

influenciou nas suas escolhas em se tornarem rezadeiras. Também falaram sobre como aprenderam. De todas as rezadeiras abordadas nesses estudos afirmam que tiveram a reza como algo que foi repassado por outras pessoas, umas tendo começado mais cedo, como Dona Maria Rosa, e outras começaram mais tarde, como no caso de Dona Maria de Fátima, o relato de Dona Mocinha em especial nos chamou atenção já que ela foi a única das rezadeiras estudadas aqui que teve a reza como uma herança familiar, repassada por seu avô.

As formas de rezar dessas rezadeiras se assemelham, dentre toda a simbologia que cerca essa prática, destaca-se o ramo, utilizado por Dona Mocinha e Dona Maria de Fátima, e Dona Maria Rosa relata que em seu ritual não utiliza mais o ramo, mas que já utilizou durante certo tempo. As pessoas rezadas são das localidades mais diversas, tanto da comunidade em que estão inseridas, como de outras comunidades rurais como Bom Jesus e Picada, mas também das cidades como Cajazeiras e São José de Piranhas, por exemplo.

Presente em todas as rezadeiras está também o sentimento de solidariedade, ligado as suas práticas e o desejo de ajudar ao próximo com suas rezas, em especial em Dona Maria de Fátima, que relata que quando necessário, ela vai ao encontro da pessoa doente para nela rezar.

Nas orações utilizadas no ritual de cura das rezadeiras, é comum serem invocados santos da Igreja Católica, pedindo a sua intercessão. Para cada doença rezada, um santo diferente é invocado. Os santos que aparecem nas rezas dessas senhoras são, São Pedro, São Francisco, Sagrado Coração de Jesus, Santa Marta e Nossa Senhora do Desterro, dentre outros. As doenças rezadas são as mais variadas possíveis, como dor de dente, dor de coluna, mal-olhado ou quebrante, dentre tantas outras abarcadas por essa prática.

Assim, embora possamos dizer que vive-se em um tempo em que as condições, tanto de locomoção por meios de transporte, como pela presença mais assídua de médicos, de hospitais e postos de saúde foram melhoradas, as pessoas especialmente das pequenas cidades e comunidades da zona rural como a nossa, ainda continuam a recorrer a rezadeira como fonte de cura para suas doenças. Na verdade há ainda outras dificuldades que a população tanto das comunidades rurais, como das periferias das cidades encontram, seja a de sair de seu lugar até uma cidade distante, esperar horas em uma fila, e principalmente o custo que é uma consulta médica nos nossos dias. Recorrer a uma rezadeira em casos de uma dor de coluna ou dor de dente, continua sendo ainda a saída mais viável e confortável. Percebemos assim, que a permanência dessa prática, além desses fatores, significa o desejo de preservação de uma cultura de crença importante para seu povo.

Contar aqui parte da história das rezadeiras de Caldeirão, São José de Piranhas-PB nos foi importante como contribuição para a história da cultura e historiografia local já que essa é talvez a primeira contribuição da história da comunidade rural de Caldeirão, em São José de Piranhas-PB.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BARROS, José D'Assunção. “**História Cultural – um panorama teórico e historiográfico**” in Textos de História (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB). dezembro de 2003, volume 11, n.1/2. p.145-171
- CARDOSO, C. Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Dominios da historia : ensaios de teoria e metodologia**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 474-507.
- CASCUDO, Luís Da Câmara. **Religião no povo**. In CASCUDO, Luís Da Câmara. Superstição no Brasil. 1. Ed digital. São Paulo: ed. Global, 2015.
- _____. **Dicionário do folclore brasileiro. 10ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações LTDA.**
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DA CÂMARA CASCUDO, Luís. O aboiador. **Imburana: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses**, v. 5, n. 9, 2014.
- DA CUNHA, Lidiane. Saberes e religiosidades de benzedeiros. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 13, 2012.
- DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral - memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DUARTE, Mauricio Parnaíba. *As rezadeiras e os rezadores de Santa Helena-PB (1950 a 2013)*. 2014. Curso de licenciatura plena em história – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras.
- GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **O ESCRITO E O ORAL: UMA DISCUSSÃO INICIAL SOBRE OS MÉTODOS DA HISTÓRIA**. Revista Ciência & Educação, v. 5, n. 1, 1998.

GOMES, Jailson de Lucena. **IDIOSSINCRASIA CULTURAL E CIÊNCIA: A HISTÓRIA SOCIAL CONSTRUÍDA NAS PRÁTICAS DE REZAS E BENZEÇÕES**. 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Messias Ferreira de. **São José de Piranhas: um pouco de sua história**. Cajazeiras: Gráfica e Editora Real, 2010.

MENEZES, Yslany Moreira de. **Rezadores de Umari - CE: entre a tradição e a fé (1970 - 2015)**. 2016. Curso de licenciatura plena em história – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras.

NUNES, Pedrina Araújo. **SENHORAS DA FÉ: História de vidas das rezadeiras do norte do Piauí [1950-2010]**. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina - Piauí, 2011

O, ALCARON Agra do. **Relatos de Males: Notas de Acerca dos Modos de Adoecer na Paraíba Imperial**. In AGRA DO Ó, Alcaron. A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural. 2. Ed. João Pessoa: Ed. Ideia, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2.ed., São paulo: Contexto, 2010.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Culturas de falas e de gestos: história de memórias**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997

SOUSA, Silvana Vieira de. **Tradição e fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX**. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

VIEIRA e LIMA. **História da Paróquia de São José de Piranhas: 174 anos de fundação (1840-2014)**. João Pessoa: A União, 2014

VIEIRA e LIMA. **Mémoires do Jatobá Club (1944-2007)**. João Pessoa: A União, 2012

APÊNDICE

Apêndice A: Entrevista com Maria Rosa (Dona Maria Rosa) - 07/07/2018**Entrevistador / Pesquisador: Lucas Roza dos Santos****Referência do entrevistador / pesquisador: L****Referência da entrevistada: MR****L – *Qual é o nome completo e a idade da senhora?*****MR –** Maria Rosa, 66 ano.**L – *A senhora lembra quando foi que começou a rezar?*****MR –** Lembro! Eu tinha 12 ano.**L – *Doze anos de idade?*****MR –** Hum, Doze anos de idade.**L – *Como foi quando a senhora começou a rezar?*****MR –** Eu pedia, quando eu sentia minha cabeça doendo, eu rezava um pai-nosso, uma ave-maria e o creio em Deus Pai e oferecia a Jesus pra tirar aquela dor. Ai a minha fé era muita, e eu ficava boa.**L – *Por que a senhora se tornou a rezadeira?*****MR –** Porquê eu tenho muita fé em Deus.**L – *Quem lhe ensinou as orações que a senhora faz?*****MR –** Eu... quem me ensinou foi minha mãe o creio em Deus Pai, o Pai-Nosso e a Salve-Rainha e quem me ensinou foi minha mãe e os otos ((outros)), oração quem me ensinou foi uma senhora, já idosa, ela me ensinou a reza de ataiá fogo e a reza de ataiá sangue, ela quem me ensinou, essa senhora, ela me ensinou essas oração.**L – *Quem lhe procura em busca de reza, se queixa de quais doenças?***

MR – É... se queixa de dor de dente. Eu rezo e fica bom, dor de cabeça, reza de dor no corpo, dor na coluna, dor que se tiver doendo num pé ((tossido)) eu rezo e a fé é dela que vem é muita, em Deus, e eu tenho mais fé, ai fica bom.

L – *Quais são as doenças que mais aparecem? Quais são as que a senhora mais reza?*

MR – É de... dor na coluna, dor no joelho e de criança é de viado ((mal olhado/quebranto)) e... e vento caído. Vem muito! E dor de dente, vem muito! vem a minha procura, a fé que eles vem de Deus e a minha fé, é curado.

L – *Quando a senhora reza, quais são os santos que a senhora invoca, no momento da reza?*

MR – Eu invoco São Francisco, pra ele interceder ao Senhor Jesus. Por aquela pessoa que... por aquela oração que eu tô rezando, pra ser acolhida no colo do Senhor Jesus.

L – *O que precisa pra rezar?*

MR – Eu rezo primeiro a oração pra Jesus perdoar os meus pecados. Pra depois eu rezar nessa que vem a mim.

L – *No caso quando a senhora vai rezar, precisa de alguma coisa específica, precisa de um ramo específico, de alguma coisa?*

MR – Assim, de primeiro eu rezava com o ramo, mas agora não, eu rezo com a mão, porque Jesus butano... bota a mão e eu com a minha mão, a mão de Jesus cura.

L – *Quando a senhora usava o ramo, qual era o ramo que a senhora usava? Tinha um específico?*

MR – Era... tinha! tinha! Era... como é o nome do ramo, meu Deus? Aquela que tem uma fulôzinha... Muçambê! Que tem a fulôzinha branca.

L – *Desde que começou a rezar, a reza mudou? ou reza da mesma forma de quando começou?*

MR – Não! Da mesma forma quando eu comecei.

L – *Faz muito tempo que a senhora é... é procurada pelas pessoas como rezadeira?*

MR – Faz! Muito tempo. Morei 12 anos em Irecê, fui procurada também lá. Elas, as meninas que procurava muito. Morei 6 anos em... aqui pertin de São José de Piranhas também, me procurava também.

L – *Na cidade?*

MR – Na cidade! Me procurava. Até que um dia uma senhora... uma moça veio me procurar. Tava noiva pra casar... Posso contar?

L – *Pode, pode contar...*

MR – Tava noiva pra casar, e ela veio me pedir ajuda... aí disse, quem sou eu pra te ajudar... mas tenho fé na senhora, que se a senhora fizer... rezar uma oração, meu casamento vai voltar. Eu digo, pois de hoje a oito ((dias)) você venha aqui... Aí eu pedi ao Jesus, “Senhor se for um noivo pra ela, pra casar e viver bem, que Jesus amostrasse o motivo”, e Jesus amostrou... era uma amiga dela, que tava sendo falsa a ela, aí ela descobriu, aí ela veio dar os agradecimentos, que Jesus dê muitos anos de vida e saúde, paz e amor a senhora, que eu salvei o meu noivo, e eu vou casar.

L – *Muitas pessoas ainda hoje, elas procuram a senhora pedindo pra rezar! por/em alguma doença?*

MR – Procura! Procura! Procura! Procura pra rezar em criança que tá com desintéria, tá com vomitando, aí eu rezo e fica bom. Só rezo uma vez! Tem vez que vem pra completar... eu gosto de completar as três vezes, os três dias. Aí antes dos três dias fica bem, porque a fé dela é muita e a minha também é.

L – *No caso quando a senhora pede pra rezar três vezes, três dias seguidos, é em algum caso específico em que a doença está...*

MR – É... assim se for criança, vomitando é os três dias, se for de dor de dente eu rezo uma vez, as outras duas eu rezo em casa, eu mesmo praquela... no nome daquela pessoa.

L – *A senhora encontrou alguma dificuldade quando começou a rezar?*

MR – Eu não encontrei porque eu pedi muita força a Jesus, pra ele me ensinar. Eu não sabia lê, aí pedi... me deram uma bíblia, uma primeira minha, e eu não sabia lê e pedi a Jesus pra ler cada palavra que eu não sabia ele me, ele me entendeu na minha mente que palavra era aquela e eu aprendi na bíblia. Aí as orações que eu aprendi na bíblia também.

L – *Mas assim, no início, a senhora encontrou alguma dificuldade, por exemplo, de aceitação das pessoas?*

MR – Encontrei! Encontrei muito.

L – *Encontra até hoje?*

MR – Encontra até hoje, ainda encontro. Tem gente que diz que num tem fé na minha reza, que tem fé na reza de ota pessoa. Tem! tem muitas. Tem muitas que já me chamou até de, de Macumbeira, já me chamou. Mas essa pessoa que me chamou assim, já vei a mim e, e foi procurar a mim era essa mesma pessoa que falou isso ai, vei a mim, duma dor de dente.

L – *A senhora pode contar como foi?*

MR – Ele... ele dizia que num acreditava, mas a mulher dele tinha tanta fé na minha reza que ele vinha... não vinha, quem vinha era ela, e agora quem vem é ele, mais ela pra rezar. Até o ramo ele vai buscar. Porque ele num acreditava e hoje ele tá acreditando duma dor de dente que deu nele, que eu rezei, ele dormiu sem janta. Eu rezei nessa... nesse dente e até hoje esse dente num doeu mais, e nem dói, que Deus é poderoso.

L – *Qual a religião da senhora?*

MR – Ca... Católica. Ixe. ((riso))

L – *Quem são e de onde são as pessoas que vem em busca das rezas da senhora?*

MR – Vem gente de longe. Lá do outro lado, vem gente de Carrapateira, vem gente de onde Fia mora, a agência de saúde. Vem da Picada. Gente de São Zé de Piranha, que liga pra mim e pede ajuda, pra mim rezar. Gente de Pombal, pede pra mim rezar e ai eu volto a ligação no oto dia e disse que miorou. Gente de São Paulo, que manda, liga pra mim pedindo pra eu rezar e fica boa. A fé é quem cura! Ela... a pessoa que pede a mim tem fé, e a minha fé trevesa montanha.

L – *Então quer dizer que pra rezar, a pessoa não precisa estar frente à frente com a senhora?*

MR – Não! não. Se você tiver, fazer a comparação, se você tiver em São Paulo, você ligar pra mim, dizer “Maria, eu tô aqui com dor de dente, ou dor de cabeça, qualquer dor, reze em mim.” Eu rezo! A sua fé que você pediu a reza, Jesus vai lá e toca a mão. Eu rezando aqui e ele com a mão lá tocando, porque a minha fé, ele toca a mão e, e fica bom.

L – *Já pensou em ensinar as rezas que a senhora sabe pra alguma pessoa?*

MR – É... só... já, já pensei muito e já ensinei. Mas a homi, que disse que mulher, pra mulher, num pode. Só pode ser homi. E o homi pra mulher.

L – *Certo. Alguém já lhe pediu pra aprender a rezar?*

MR – Já! Eu ensino, mas disse que esquece e num aprende.

L – *Essa simbologia de que a mulher só pode ensinar ao homem e a mulher... a mulher só pode ensinar ao homem só pode ensinar a mulher?*

MR – Porque é assim, porque eu, a minha oração, se eu for ensinar a ota mulher, a minha oração fica, fica fraca e a dela fica forte. Agora se eu ensinar a um homi, a minha oração fica mais forte ainda.

L – *Pronto, Dona Maria . Eram só essas perguntas, viu? Muito obrigado!*

MR – Luquinha, pelo amor de Deus...

(SEGUNDO CONTATO COM A ENTREVISTADA)

Entrevista concedida em: 06/11/2018

Com duração de: 05min e 19seg.

L – *Dona Maria, a senhora me contou que... as pessoas ligam pra senhora pedindo que a senhora reze por alguma enfermidade, a senhora podia contar algum desses... desses casos pra gente?*

MR – Teve uma... vou contar primeiro o da mulher. Uma mulher ligou pra mim do rio de Janeiro pedindo socorro pro esposo dela, que ele bibia cachaça e usava droga... E eu fiz uma novena da mão ensaguentada de Jesus nove dia e graças a Deus ele tá ino pra reunião e graças a Deus foi pro trabalho, já tá com mês que ele nem bebeu e nem saiu mais só vai sair de casa pro trabalho e Jesus curou ele com a fé que a mulher pediu pra mim e a fé que ela teve e a minha fé que eu pedi a Jesus das mão ensaguentada de jesus curou ele, ele não bebeu mais.

Ota mulher... oto homi... ligou pra mim me pedindo socorro, ele estava com uma dor muito grande e eu pedi a Jesus que ele colocasse a mão dele naquela dor, com a fé dele e a minha fé que eu pedi a Jesus, ele disse que curou que o médico num tem, só tem a minha oração que a fé curou ele.

L – *Tem mais algum caso?*

MR – Ota pessoa também... (pode contar a do fogo ~sussurrando~) Ota pessoa também vei numa moto me chamando aqui de noite ai me levou prum canto mais distante quando eu chego lá, era um um fogo muito grande...

L – *Era em um outro sítio...?*

MR - Num oto sítio...

L – *Sim...*

MR – Quando eu cheguei lá, eu fiquei de joelho fiquei de mão em cruz e eu pedi o Senhor Jesus que apagasse aquele fogo... que tinha muito bicho bruto aonde tava o fogo, e ele foi apagando devagar ficou uma brasinha num toco... e eu olhei pra lá e num vi mais o fogo, e o fogo apagou.

L – *Quando a senho... Pode falar...*

MR – Com a fé do homem quando ele me vê ele diz assim “oh a mulher... a reza santa dessa mulher que apagou o fogo numa broca. Ai eu fico calada... ((riso))

L - *É... quando a senhora reza, a senhora costuma usar que ramo, tem alguma planta específica?*

MR - Não... olhe... tem uma planta especial... é pinhão roxo. Que o pinhão roxo ele é bom, ele tira muitas coisa.

L - *É o mais usado?*

MR - É o mais usado é o pinhão roxo. É o pinhão roxo e o... e o... e três galha de arruda também é muito bom também.

L – *A senhora poderia dizer alguma de suas rezas? Assim... contar como é. por exemplo, a oração pra quebrante. A senhora poderia contar?*

MR - Ói, chega um menino aqui, diz... que tá sem comida, foi foi de quebrante que butaro nessa pessoa, nessa criança ai eu rezo.

((Pausa na entrevista – conversa paralela.))

((Fim da pausa na entrevista - Continuação))

L - *Pronto, pode continuar...*

MR - Ai eu eu rezo assim, eu peço assim "Senhor Jesus tu sois misericordioso, eu tô te pedindo cura essa criança. Quando a mãe dele for dar dicumer pra tirar essa essa essa... qualquer coisa que ele tiver sentino que Jesus sabe o que é e eu não sei, mas a fé que eu tenho em tu Senhor ele vai ser curado quando a mãe dele for dar dicumer a ele, ele vai receber a cumida que Deus é maravilhoso, Deus Deus Deus tem poder eu tenho fé em tu Senhor Jesus. Tira Senhor Jesus

essa enfermidade dessa criança que não é dele, não pertence a ele com o poder do Senhor Jesus...
ess... você vai ser curado em nome de Jesus."

L - *As pessoas costumam... é... pagar pela reza?*

MR - Tem vez que eles quer pagar, mais eu não recebo que a palavra do Senhor quando ele andava no mundo não era cobrada.

L - *Unhum...*

MR - Eles curava e não queria... eu nem fico. Só tem uma reza que a pessoa dá e a gente dá a outra pessoa, é a reza de espinhela caída e peito aberto... única coisa que a recebe, eu num recebo dinheiro, só recebo alimento, mas eu não como eu dô ôta pessoa.

L - *Pois bem Dona Maria, era só isso, muito obrigado!*

Apêndice B : Entrevista com Maria Alves Cardoso (Dona Mocinha) – 13/03/2019**Referência do entrevistador / pesquisador: L****Referência da entrevistada: MAC*****L – Como a senhora se chama e qual a idade da senhora?*****MAC** – Eu me chamo Maria Alves Cardoso, apelido Dona Mocinha. Idade setenta e dois anos.***L – A senhora lembra quando foi que a senhora começou a rezar nas pessoas?*****MAC** – Lembro! Talvez meu avô tinha setenta ano e ele me ensino a rezar. Eu... eu es... pegou um pap... eu... eu. Pegou um papel e uma caneta me mando eu... ele rezando eu escrevendo pra ele me ensinou rezar assim, tá entendendo?***L – Unhum*****MAC** – Reza foi assim, ele me insino pelo as palavra e eu escrevendo. Ai um causo que é uma história que eu vou contar pra você porque eu nunca tinha benzido, mas um filho meu adoeceu, quase que ele morreu. O Gilberto. Ai eu levei pra Senhora de Adalto rezar. Senhora de Adalto era uma senhora de idade, que é a mãe de Sinval. Ai eu levei meu menino 5 hora da tarde quando eu cheguei lá com ele, ai ela tinha a filha dela Ilda e Chica de Zé Bernardo de São Paulo falaro pra mim assim "se esse menino morasse em São Paulo tava internado, porque essa criança tá muito mal". Ela me levou pra dento o quintal da casa dela pela benzer o meu filho, o jeito que ela benzeu o meu filho eu truxe ele pra casa no oto dia ele tava bom. Ai depois que eu levei meu filho que ela benzeu que meu filho ficou bom ai eu comecei a rezar. Ai eu rezei no me... no povo chegava e eu comecei a rezar. A primeira pessoa que eu rezei foi um filho meu. Depois rezar no povo. Ai posso continuar nos vario caso que já vêi? Já vêi gente pra lá de Cajazera procurando um benzedor, de carro fretado justamente pra minha casa. Pra mim benzer. Pra lá de Cajazera. Aqui em Bom Jesus, aqui no... no Calderão, enquanto num vem na minha casa pra mim benzer, num vão no médico. Só vão no médico depois que vem na minha casa. Quando eu benzo a criança é que vão no médico. A num b... num vim, num vão.***L – Então por que foi que a senhora se tornou rezadeira? Por quê que a senhora começou a rezar?***

MAC – Porque o... eu recebi um milagre do... do meu filho. Quando eu vi o meu filho ficar bom, através da reza, eu recebi aquele milagre ai eu comecei. Ai hoje já curei varias criança. Com os puder de Deuso e a minha minha reza, as oração já curei varias criança.

L – *Quem procura a senhora pedindo pra rezar, é... ela se queixa de quais doenças? Quais as doenças mais comuns que as pessoas se queixam?*

MAC – Dor... dor de cabeça. Dor nas costa. Mal olhado em criança, que é criança. E adulto é dor de cabeça, dor... dor de... de... de coluna essas coisa. De adulto.

L – *Unhum... mas qual a doença que aparece mais?*

MAC – A que aparece mais é mais de adulto e mais é varias... dor de cabeça.

L – *Dor de cabeça...*

MAC – E de criança varios mais é quebrante.

L – *Quando a senhora vai... vai rezar nas pessoas, quais são os santos que a senhora invoca, nas orações? A senhora pode falar?*

MAC – Pode! São Pedro, que é o São Pedro ando co... com São José... que São José que botaram olhado em São... São José... em São José... São José não podia ir a viagem, Nosso Senhor rezou em São José e São Pedro perguntou que tanto porque São... Jesus demorou tanto. E Jesus per... respondeu pra São Pedro, que ele tava curando olhado e quebrante e olhos excomungado. Tá entendendo?

L – *Sim! Então no caso São Pedro é invocado na oração pra quebrante?*

MAC – Na oração de... pra quebrante. São Pedro... São Pedro

L – *Certo! A senhora poderia contar como é que a senhora reza pra quebrante, qual a oração que a senhora faz?*

MAC – Se pode contar?

L – *Sim.*

MAC – Pode!

L – *Pois fale ai pra gente.*

MAC – Aí... fica, num pode. Ela pode ensinar assim pra outra e fica ensinando pra outra pessoa não, passando pra outra pessoa."

L – *Então a senhora tem esse costume de que não pode ensinar pra outra pessoa?*

MAC – Não pode pra qualquer pessoa!

L – *Ah, então tá certo! Então a senhora prefere não falar?*

MAC – É... é. prefiro falar a reza assim como eu tô te falando.

L – *Sim!*

MAC – Que eu curo várias criança. Agora se eu ensinar pra ota pessoa pra mim não serve mais.

L – *Sim, então tem toda essa simbologia, né?*

MAC – Tem essa simbologia, é.

L – *Tá certo!*

MAC – Pra mim. Ai pra mim rezar pra mim benzer faz... escrev... falar a oração, você grava, a ota aprende, ai pra mim ela não serve mais.

L – *Então tá certo!*

MAC – Tá entendendo?

L – *Quais os ramos que a senhora costuma usar pra rezar, existe algum que seja mais indicado?*

MAC – Ramo?

L – *Sim!*

MAC – Tem o muçambê, de primeiro mas como não existe mais o muçambê a gente pode pegar três gain de siriguela, que é um gat... um mat... uma mato verdinho, pode benzer.

L – *Certo! Desde quando a senhora começou a rezar, lá no início, até os dias de hoje, a reza da senhora ela continua do mesmo jeito ou ela mudou alguma coisa?*

MAC – Mudou não. A reza de quebrante é a mesma coisa, de dor de cabeça é a mesma coisa comecei a rezar em oitenta e... em oitenta e quatro...

L – *Em oitenta e quatro?*

MAC – Oitenta e quatro. Até hoje nunca deixei de rezar.

L – *Mesmo nos dias de hoje, muitas pessoas ainda procuram a senhora pra rezar?*

MR – Procura! Muita gente! Ainda ontem vei uma de São Zé de Piranha somente pra benzer. Vei de casa com a filha pra benzer. Ontem. Uma filha de... de o irmão do marido de Solanea. Vei ontem pra cá somente pra benzer. Na criança. Saiu de São Zé de Piranhas de casa no carro, ela, o esposo e a filha pra vim benzer.

L – *De quebrante?*

MAC – De quebrante!

L – *A senhora encontrou alguma dificuldade quando começou a rezar nas pessoas?*

MAC – Eu num encontrei porque eu sabia ler um poquin eu peguei a oração, que era escrita pela numa caneta e era lutano e rezando aquela oração. Ai graças a Deus, desde oitenta e quatro que eu rezo e ainda num errei nenhuma vez nenhuma palavra. Sei rezar normalmente.

L – *Então todas as orações a senhora disse... a senhora aprendeu com o avô da senhora?*

MAC – Com avô... com meu avô. E fa... e outras orações foi com a sogra de Francisca de Josuel.

L – *Quem são e de onde são as pessoas que vem em busca das rezas da senhora?*

MAC – São de Bom Jesus, da Picada, das Aroeira, de Pau Ferro, Bom Jesus, de... de Cajazeiras já vei gente, São Zé de Piranha... do Peba, Pinheira, Riacho do Mei.

L – *Alguém... alguém já pediu a senhora pra aprender a rezar?*

MAC – Não! Pra pedir pra ensinar não.

L – *Ninguém nunca pediu?*

MAC – Ninguém nunca pediu!

L – *A senhora pode fazer alguns relatos de... de... das vezes que a senhora já rezou em alguém e essa pessoa ficou curada, e ela voltou aqui para agradecer, por exemplo? A senhora pode fazer algum desses relatos?*

MAC – Posso! Justamente esse pessoal da daí do Poço Vermelho que vinha benzer nas criança, benzero já vei delas me agradecer porque a criança ficou curada. Outra mulher de que vei de...

de São Zé de Piranha, ela vei pra benzer e ela me viu lá me agradeceu, que ficou boa com os puder de Deus e a minha oração.

L – *Essas pessoas que vem em busca da reza, elas costumam pagar a senhora?*

MAC – Não. Graças a Deus num pagam porque eu num quero. Não que eu nunca quis nada de reza. Nunca cobre nada de reza. Graças a Jesus.

L – *Na opinião da senhora, o que cura é a reza ou a fé da pessoa?*

MAC – É a reza e a fé. Se não tiver fé... Agora quem vem rezar justamente como vei de São Zé de Piranha pra cá num carro tem porque tem fé. Num é?

L – *É!*

MAC – Porque se num tivesse num vinha, néra?!

L – *A senhora pode contar mais algum relato que a senhora lembre?*

MAC – Como assim, de... de...?

L – *De alguma pessoa que veio que pediu pra rezar, que contou alguma história pra senhora.*

MAC – Posso contar. Que veio um... um de... de lá de Cajazeira, ele morava pra lá do... do... ele veio de carro fretado procurando um benzedor em São Zé de Piranha, Riacho do Mei por todo lugar procurando um benzedor ai mim informaro minha casa e eles vieram de carro fretado justamente na minha casa. Chegaram uma duas hora da tarde. De carro fretado pra benzer pra lá de Cajazeira só que eu não sei o sítio que eles viero, tá entendendo. Sei que eles vieram pra benzer. Vei três pessoa. Procurando um benzedor.

L – *Ai qual a doença que eles tinham?*

MAC – Ela... ela tava com muita dor de cabeça. Muita dor de cabeça.

L – *Ai essa pessoa voltou pra agradecer a senhora, a senhora sabe se ela...?*

MAC – Ela me viu em São Zé de Piranha e me agradeceu. Foi essa que eu te falei. Que ela me viu em São Zé e me agradeceu e ficou boazinha. Sim e oto causo também. Edmar de Cherosa. Edmar de Cearenço. Ele era no tipo de Thiago meu neto ele veio com uma dor de cabeça muito forte. Levaro ele pra todo lugar pra Sousa pra Cajazeira e ele chorando com dor de cabeça dia e noite ele não ficava bom. E então nesse causo se meu fi quiser tirar a dúvida pode perguntar a ma... a Cherosa. A Maria. Ai Maria foi com dia de tarde trouxe Edmar pra mim benzer de dor

de cabeça. Ela já tinha procurado médico em Sousa. Feito exame de vista tudo e Edmar não melhorava. Só chorando. Ai ela lembrou de trazer Edmar pra mim rezar de dor de cabeça. Justamente ela trouxe Edmar. Eu rezei em Edmar. Essa dor de cabeça de Edmar. Quando foi no oto dia ela vei. Quando foi no oto dia Edmar tava bom. Até hoje Edmar disse que não sentiu mais dor de cabeça.

L – Pronto, Dona Mocinha. Então era só essas as perguntas, viu. Muito obrigado!

MAC – Pois é! Eu lhe... eu que lhe agradeço de me de me procurar. Já sou uma senhora de setenta e dois ano ai tivero consideração de me procurar. As únicas coisa que eu responder é essa. Meu meu avô era um senhor de idade muito católico muito benzedor. E o que o meu avô de ens... me deixou pra mim a herança que meu avô me deixou foi essas orações. Muito linda. Muito maravilhosa. E eu agradeço tud... a meu avô que me ensino.

Apêndice C: Entrevista com Maria de Fátima Rosa (Dona Maria de Fátima Rosa) – 06/06/2019.

Referência do entrevistador / pesquisador: L

Referência da entrevistada: MFR

L – *Como que a senhora se chama e qual a idade da senhora?*

MFR – Pronto! Maria de Fátima Rosa, 61 anos.

L – *A senhora lembra quando foi que a senhora começou a rezar?*

MFR – Tá com seis ano. E eu rezo. As pessoa vem pra cá, se pudendo vim pra cá, eu... eu rezo, e se não puder vim, eu vou pra casa da pessoa e rezo, e a pessoa é curada. Que Jesus... num é eu quem curo, quem cura é Jesus e a fé. A fé que a pessoa tem. A única coisa que eu sei só é a reza de uiado.

L – *Acontece muito de as pessoas ligarem pedindo pra reza, estando distante, não podendo vir até aqui?*

MFR – Liga! Liga e eu rezo e é curado.

L – *Por que a senhora se tornou a rezadeira?*

MFR – Porque eu tinha vontade de aprender mesmo. Pra eu servir a uma... uma criança, qualquer pessoa que precisar, vim na minha casa e eu rezo.

L – *Quem ensinou as orações que a senhora faz?*

MFR – Foi o Leoni... Carra... de Carrapateira. Não aprendi mais a reza porque ele faleceu, se ele não tivesse falecido as reza dele eu tinha aprendido tudinha. Que ele tinha copiado e tinha me dado.

L – *Então esse Leoni, ele era um rezador?*

MFR – Um rezador! E a reza dele era muito boa.

L – *Quem procura a senhora pedindo pra rezar, ela se queixa de quais doenças?*

MFR – De uiado. Ai eu rezo... três quatro vez e fica bom.

L – *Então a senhora reza somente de olhado?*

MFR – Só de uiado.

L – *Quais os santos que a senhora usa na... na oração da senhora de olhado?*

MFR – Sagrado Coração de Jesus, Marta, São Sebastião e Nossa Senhora do Desterro.

L – *A senhora poderia contar como é que a senhora reza de olhado? Como é a oração de olhado?*

MFR – A oração de uiado eu não posso rezar porque se outra pessoa aprender, nem serve pra mim e nem serve pra ela. Ai eu não posso contar.

L – *O que precisa pra rezar?*

MFR – Pra rezar, o Pai-Nosso, Ave-Maria, Santa-Maria.

L – *Então a senhora inicia rezando o Pai-Nosso, a Ave-Maria...?*

MFR – E a Santa-Maria.

L – *Quais os ramos que a senhora costuma usar pra rezar?*

MFR – É o pinhão-roxo.

L – *Existe um que seja mais indicado ou pode ser qualquer um?*

MFR – Pode ser qualquer um, mas o preferido pra rezar é o pinhão-roxo.

L – *Por que o pinhão-roxo?*

MFR – Porque ele tira todos os mal. Todo... todas coisa ruim o pinhão-roxo é bom pra rezar, porque... pra tirar todo os mal da... da criança e de toda pessoa que a pessoa reza, a pessoa tem que rezar com pinhão-roxo.

L – *Desde que a senhora começou a rezar, até hoje, a senhora reza da mesma forma, ou a reza mudou alguma coisa?*

MFR – É a mesma coisa.

L – *Muitas pessoas ainda procuram a senhora pedindo pra rezar?*

MFR – Procura sim!

L – *A senhora encontrou alguma dificuldade quando começou a rezar?*

MFR – Não! A dificuldade que eu... que eu sentia era porque eu num... num sabia da reza, mas agora eu aprendi, agora serve pra mim, serve pra todo mundo, precisando de mim se não vim... puder vim na minha casa, eu vou na casa dela, rezo e a criança fica boa.

L – *Qual a religião da senhora?*

MFR – A católica.

L – *Como é, a senhora pode falar como é a vivência da fé católica pra senhora?*

MFR – A católica pra mim é... uma maravilha. Porque eu fico muito feliz que eu era da igreja, tirava... assistia a reza na igreja, assistia na casa do meu pai, que meu pai toda vida tirava a reza lá. Ai... ((tossiu)). Ai agora eu resolv... Ia para a igreja. Ai agora eu tô tirando minhas novenas em casa, tô muito feliz porque eu tô tirando minhas novena em casa, bem tranquila, bem assossegada. E graças a Deus eu tiro minhas novena em casa e fico muito feliz, com minhas novena em casa.

L – *Quem são e de onde são as pessoas que buscam as suas rezas?*

MFR – Gente do Bonfim, aqui do Caldeirão.

L – *A senhora já pensou em ensi...*

MFR – De Carrapateira.

L – *A senhora já pensou em ensinar as rezas para alguma pessoa?*

MFR – Não. Num posso ensinar não. Porque já foi ensinada, se eu ensinar, nem serve a reza nem serve pra ela e nem serve pra mim.

L – *Mas alguém já pediu pra aprender?*

MFR – Não.

L – *As pessoas elas costumam pagar alguma coisa pela reza da senhora quando vem?*

MFR – Não. Eu num... num vou vender a palavra de Deus. A palavra de Deus num é... num é mercadoria pra pessoa vender. Eu não vendo a palavra de Deus.

L – *Na opinião da senhora, como é que acontece a cura? O que cura é a reza ou a fé da pessoa que procura?*

MFR – A pessoa que procura ela procura e tem fé, porque a fé é quem cura.

L – *A senhora pode contar algum relato de alguma pessoa que a senhora rezou e ela estava muito doente e que depois que a senhora rezou ela melhorou? 6:41*

((grito ao fundo))

MFR – Ela... eu já rezei em muita gente aqui que tava escornado e eu rezei, na hora que eu terminei de rezar ela tava se levantou conversando numa boa.

L – *Mais algum relato?*

MFR – Não.

L – *Pronto, Dona Maria de Fátima. Eram só essas perguntas, muito obrigado, viu!*

MFR – Num vai falar das festas de Frei Damião não?

L – *Pode falar!*

MFR – Ai a gente quando meus pais era... era vivo, mais novo. Quando meus pais era mais... era mais novo, a gente ia daqui pra Nazarezinho de a pé, quatro légua festa de Frei Damião. Ia e vinha de a pé. Mas eu ia tão feliz que parecia que ia pro paraíso. Mas graças a Deus tô muito feliz, se eu gozei muito na minha mocidade, de viver na.. nas igreja, andar pra Nazarezinho de a pé. Festa de Frei Damião. Ai hoje eu não posso ir pra igreja mas Deus tá vendo porque eu num tô podendo ir porque meu marido é doente, então tem que me conformar, rezo minhas oração em casa. Vou também... já fui também em festa de São José de Piranhas, de São José. Fui pra São José de Piranhas, ia e vinha de a pé na... as estada era na terra, e a gente ia toda cheia de felicidade.

L – *Pronto, Dona Maria de Fátima. Eram só essas perguntas, viu? Muito obrigado!*

ANEXOS

Anexo 01: Termo de consentimento de Maria Rosa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada "Em meio a tantos agravos rezava-se, e muito": as rezadeiras e suas práticas de reza e curas na comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas--PB de 1984 à 2018, que tem como objetivo geral Estudar e problematizar a atuação das rezadeiras da comunidade rural de Caldeirão –São Jose de Piranhas – PB de 1984 a 2018.

Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição para realização de monografia de conclusão de curso sobre As Rezadeiras de Caldeirão como objeto da minha pesquisa, ligado ao meu lugar social e assim me ajudar trazendo uma contribuição para a história da minha comunidade. Dessa forma esse trabalho tem como benefício principal contribuir para a historiografia local da cidade e da cultura de São José de Piranhas e em particular da chamada comunidade Caldeirão. As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou danos. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Maria Rosa, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 07 de julho de 2019.

x Maria Rosa Silvana Vieira de Sousa

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Anexo 02: Termo de consentimento de Maria Alves Cardoso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada “Em meio a tantos agravos rezava-se, e muito”: as rezadeiras e suas práticas de reza e curas na comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas –PB de 1984 à 2018, que tem como objetivo geral Estudar e problematizar a atuação das rezadeiras da comunidade rural de Caldeirão –São Jose de Piranhas – PB de 1984 a 2018.

Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição para realização de monografia de conclusão de curso sobre As Rezadeiras de Caldeirão como objeto da minha pesquisa, ligado ao meu lugar social e assim me ajudar trazendo uma contribuição para a história da minha comunidade. Dessa forma esse trabalho tem como benefício principal contribuir para a historiografia local da cidade e da cultura de São Jose de Piranhas e em particular da chamada comunidade Caldeirão. As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou danos. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Maria Alves Cardoso, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 13 de Março de 2019.

Maria Alves Cardoso Lucas Roza dos Santos

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Anexo 03: Termo de consentimento de Maria de Fátima Rosa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada “Em meio a tantos agravos rezava-se, e muito”: as rezadeiras e suas práticas de reza e curas na comunidade rural de Caldeirão, São José de Piranhas –PB de 1984 à 2018, que tem como objetivo geral Estudar e problematizar a atuação das rezadeiras da comunidade rural de Caldeirão –São Jose de Piranhas – PB de 1984 a 2018.

Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: a contribuição para realização de monografia de conclusão de curso sobre As Rezadeiras de Caldeirão como objeto da minha pesquisa, ligado ao meu lugar social e assim me ajudar trazendo uma contribuição para a história da minha comunidade. Dessa forma esse trabalho tem como benefício principal contribuir para a historiografia local da cidade e da cultura de São Jose de Piranhas e em particular da chamada comunidade Caldeirão. As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou danos. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail sv_sil@hotmail.com Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Maria de Fátima Rosa, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 06 de junho de 2019.

Maria de Fátima Rosa

Ruças Rosa dos Santos

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)